



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS

DEIVID BORGES SANTOS

**DAQUESTES PUTOS QUE S'ANDAN FODENDO: ESTUDO SOBRE A
CONCEPTUALIZAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE HOMENS EM CANTIGAS
DE ESCÁRNIO E MALDIZER**

Salvador

2017

DEIVID BORGES SANTOS

**DAQUESTES PUTOS QUE S'ANDAN FODENDO: ESTUDO SOBRE A
CONCEPTUALIZAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE HOMENS EM CANTIGAS DE
ESCÁRNIO E MALDIZER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras Vernáculas do curso de bacharelado em Letras Vernáculas, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de bacharel em Letras Vernáculas.

Orientadora: Profa. Dra. A. Ariadne Domingues Almeida.

Salvador

2017

A todos aqueles que não desistem das batalhas e acreditam nos seus sonhos!

AGRADECIMENTOS

É impossível alcançar qualquer desejo ou sonho sem os outros nas nossas vidas. As presenças aqui listadas sonharam junto comigo e me ajudaram e ajudam a tornar realidade o meu sonho.

Agradeço, primeiramente, às forças acima de nós, reles humanos, que possibilitam, capacitam e abrem os caminhos. Obrigado!

À minha mãe e ao meu irmão por serem a minha família desde sempre, ainda que não andemos na mesma direção e sintonia.

A Nelsinho Pereira, com quem divido um “amor verdadeiro, amor ridículo, inconveniente, que consome, daqueles que não se pode viver sem o outro”. Obrigado pelo apoio. Quando você diz que vai dar certo, pelo simples fato de que sempre dá certo, minha força de vontade se triplica. Continuemos lutando!

À minha professora e orientadora Ariadne Domingues, obrigado por me apresentar à Linguística Cognitiva, pelas leituras, avaliações, críticas, elogios, conselhos. A senhora é um ponto chave na minha formação acadêmica e sempre será!

A Natival Neto pela amizade e carinho e, juntamente com Ton Israel, agradeço a leitura e avaliação do anteprojeto.

Às professoras: Fabiana Prudente, por ter me apresentado à Filologia, história da Língua Portuguesa e aos textos medievais; Isabela Almeida, por tantas sugestões, apoio e ensinamentos; a Edivalda Araújo, por cultivar em mim o desejo de estudar e ser o melhor sempre!

A todos do GESCOG (Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva) e do PROHPOR (Programa para a História da Língua Portuguesa) que aceitaram compartilhar comigo as suas dúvidas, críticas e sugestões.

Aos meus sogros, pelo “empréstimo” da casa, energia, água, internet que, no final das contas, nada significa, pois, os maiores empréstimos estão nos simples ensinamentos que vocês me dão!

A tio Eduardo, Audei, Deisinha, Anejose, Meire e a todos os outros tios e tias que encontramos pela nossa vida, vocês são nossos exemplos.

Aos meus amigos queridos: Ygor Primo, Diego Borges, Otávio Elber, Landson Soares, por serem inesquecíveis; Fernanda Ayala, Namíbia Oliveira, Kívia Oliveira, Érico Vinícius, meu eterno “lote de amor”; Rodrigo Miranda, Rayra Santiago, Douglas Jr., Diandra Sodré, Larissa Sodré, Abdon Mansur, por estarem comigo na difícil fase da adolescência; Heise Almeida, Gabinha Almeida, por me ajudarem a crescer; Sheila Salette, Monalisa Sacramento, Paulo Ricardo, pela alegria constante no ILUFBA.

A Luís Inácio Lula da Silva e à presidenta Dilma Rousseff, agradeço por terem feito um trabalho importante na história política desse país; hoje, eu consigo acreditar que, um dia, um *Santos* poderá ser professor federal e dar uma vida melhor aos seus.

A todos (meus amigos ou não) que temem pela vida por amarem o seu igual, a força de cada um de vocês me ajuda a seguir em frente... Um dia será diferente!

Enfim, a lista não terminaria se eu me delongasse mais. Por hora, só posso pedir para que continuem comigo, porque um novo tempo começa a cada novo dia!

Se os boatos criarem raízes
Ousarias me olhar, ousarias me ver
Dois meninos num vagão e o
mistério do prazer
Perigoso é me amar, obscuro querer
Somos grandes para entender, mas
pequenos para opinar
Se eles vão nos receber é mais fácil
condenar ou noivados pra fingir
Mesmo que chegue o momento que
eu não esteja mais aqui
E meus ossos virem adubo
Você pode me encontrar no avesso
de uma dor

(Jorge Vercillo, 2000)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso trata da conceptualização da relação sexual entre homens em cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas. Examinam-se textos medievais satíricos pertencentes à poesia galego-portuguesa para analisar e compreender os domínios cognitivos utilizados na construção dos significados acerca da sodomia, em textos medievais que compõem os *corpora* editados e presentes no Projeto *Littera, edição, atualização e preservação do patrimônio literário medieval português*. Os pressupostos teórico-metodológicos encontram-se embasados pela Linguística Cognitiva, mais precisamente, na Semântica Cognitiva, partindo do trabalho seminal de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) até autores mais contemporâneos, como Feltes (2007). Tal proposta teórica defende que o pensamento humano é organizado de forma metafórica (base para a Teoria da Metáfora Conceptual). O significado é, então, construído e interpretado com base no experiencialismo e na mente corporificada. Estabelece-se diálogo, também, com a Linguística Histórica, a partir da perspectiva desenvolvida por Mattos e Silva (2008), em que se consideram fatores sociais, cumprindo uma das premissas da Linguística Cognitiva que é a perspectiva interdisciplinar. É aplicada, no estudo, uma abordagem de cunho qualitativo, de natureza bibliográfica, descritiva e interpretativa. Após as etapas metodológicas, como a pesquisa, leitura e seleção das cantigas nos *corpora* do site do projeto *Littera*, realizou-se uma revisão da literatura sobre a Linguística e a Semântica Cognitivas e da literatura atinente à História Medieval e a Linguística Histórica, para buscar contribuições que permitissem as elaborações acerca da conceptualização da sodomia no corpus escolhido. Com o estudo do *corpus*, verifica-se que encontram-se metáforas, metonímias e esquemas imagéticos atribuídos a modelos cognitivos idealizados que, de forma geral, correspondem à conceptualização sempre negativa da homossexualidade como doença ou causa de doenças, entre outras possibilidades.

Palavras-chave: Idade Média. Homossexualidade. Cantigas de escárnio e maldizer. Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

The present work of conclusion of course deals with the conceptualization of the sexual relation between men in songs of mockery and insult Galician-Portuguese. Medieval satirical texts belonging to Galician-Portuguese poetry are examined to analyze and understand the cognitive domains used in the construction of meanings about sodomy, in medieval texts that compose the corpora edited and present in the Projeto *Littera, edição, atualização e preservação do patrimônio literário medieval português*. The theoretical-methodological assumptions fall into Cognitive Linguistics, more precisely, into Cognitive Semantics, starting from the seminal work of Lakoff and Johnson (2002 [1980]) to more contemporary authors. Such a theoretical proposal argues that human thought is organized in a metaphorical way (basis for the Theory of Conceptual Metaphor). Meaning is then constructed and interpreted on the basis of experientialism and the embodied mind. It is also established a dialogue with Historical Linguistics, based on the perspective developed by Mattos e Silva (2008), in which social factors are considered. A qualitative, bibliographical, descriptive and interpretive approach is applied in the study. After the methodological steps, such as the research, reading and selection in the corpora of the site of the *Littera* project, a review of the literature on Cognitive Linguistics and Semantics and a review of the literature on Medieval History and Historical Linguistics were carried out to search Contributions that allowed the elaborations about the conceptualization of sodomy in the chosen corpus. In this way, we find that in the data we find metaphors, metonymies and imaging schemes attributed to idealized cognitive models that, in general, correspond to the always negative conceptualization of homosexuality as a disease or cause of diseases, among other possibilities.

Keywords: Middle Ages. Homosexuality. Songs of mockery and insult. Cognitive Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 <i>Incipit</i> e autoria das cantigas constituintes dos <i>corpora</i>	41
Quadro 2 Metáforas, metonímias e esquemas imagéticas resultantes das análises	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	LINGUÍSTICA COGNITIVA	16
2.1	HISTÓRICO	16
2.2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS	17
2.3	CONCEPTUALIZAÇÃO E OPERAÇÕES DE CONCEPTUALIZAÇÃO	22
2.4	MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS: METÁFORICOS, METONÍMICOS E ESQUEMO-IMAGÉTICOS	24
2.4.1	O domínio cognitivo idealizado por metáfora	26
2.4.2	O domínio cognitivo idealizado por metonímias	27
2.4.3	O domínio cognitivo idealizado por esquemas imagéticos	28
2.5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	29
3	A IDADE MÉDIA E O SEU CONTEXTO SOCIAL E RELIGIOSO	31
3.1	DEFINIÇÃO DO TEMPO SOBRE O QUAL FALAMOS	31
3.2	CANTIGAS NA IDADE MÉDIA	32
3.2.1	Fonte de dados para o estudo das cantigas	34
3.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEXO NA IM	35
4	LEITURA, SELEÇÃO E CONCEPTUALIZAÇÕES: A HOMOSSEXUALIDADE ESCARNECIDA E AS CONCEPTUALIZAÇÕES	40
4.1	ENTRE EDIÇÕES E EDIÇÕES: A ESCOLHA PELO PROJETO <i>LITTERA</i> E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
4.1.1	Procedimentos metodológicos	42
4.2	A HOMOSSEXUALIDADE ESCARNECIDA: AS TEIAS CONSTITUTIVAS DO ESTUDO	44
4.2.1	A homossexualidade como causadora de enfermidades	44
4.2.2	A homossexualidade e o seu lugar no modelo cognitivo idealizado do casamento	54
4.2.3	O corpo no ato homossexual	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Conforme aponta Jeffrey Richards no livro *Sexo, Desvio e Danação: As minorias na Idade Média* de 1993, a prática sexual, na Idade Média, deveria ter como finalidade a procriação da espécie e o prazer carnal deveria ser evitado principalmente por aqueles que tinham como objetivo se aproximar do ideal de vida prescrito pela Igreja a partir do século IV. Contudo, conforme apresenta Duby (2002, p. 609), “para o fim da Idade Média, dispomos de alguns tipos de textos que nos permitem imaginar os comportamentos sexuais a partir de discursos amorosos, de gestos descritos, de códigos normativos e de processos que indiciam, julgam e condenam”. Dessa forma, encontram-se, no corpus medieval poético, pistas dos hábitos da sociedade medieval que comprovam a disparidade entre o que foi determinado e a prática sexual¹. Assim, a sodomia, o adultério, a fornicação e o prazer carnal por mais que fossem proibidos e considerados pecados, foram registrados nas cantigas como práticas na sociedade medieval.

Se o sexo aparece documentado, por um lado, nas cantigas, por outro, como se sabe, era regido pelas imposições sociais e institucionais. Após a institucionalização da Igreja Católica no século IV, no Império Romano, a relação entre os reis e a igreja é instaurada, constituindo uma das marcas da Idade Média². Nesse momento, a Igreja tinha um papel muito importante para a sociedade medieval, segundo salientam Aquino, Franco e Lopes (2003, p. 504, apud MEDEIROS, 2009, p. 13) quando afirmam que “a Igreja assumia, assim, a tarefa de pensar por todos os homens da época. Por isso, as ideias religiosas eram colocadas em termos absolutos e inquestionáveis sob a forma de dogmas e de uma moral rígida”. Consequentemente, não seria possível falar sobre quaisquer aspectos da vida social sem falar da vida espiritual que deveria estar de acordo com a aceitabilidade a um conjunto de imagens e expectativas criadas e impregnadas nos indivíduos de acordo com as crenças religiosas e comportamentos sociais pretendidos. O impacto resultante dos preceitos das leis do Antigo

¹Continua Duby (2002, p. 609) a sua reflexão afirmando que: “Pode-se reconstituir a normalidade com casos singulares e regras gerais? Quando santo Antonino de Florença exorta as mães a virem ao sermão com suas filhas a fim de que estas últimas sejam instruídas sobre práticas contra a natureza, que elas correm o risco, em sua ignorância, de aceitar em sua vida de mulheres casadas, apreendemos, de um lado, uma surpreendente liberdade de expressão pública sobre a sodomia no casal e, do outro, um reflexo evidente da prática: mas o santo arcebispo decidiu intervir publicamente depois de algumas confissões perturbadoras, ou porque a maioria de suas ovelhas o conduz, por revelações concordantes, a alarmar-se?”. Não restam dúvidas de que em matéria de sexualidade, a sociedade medieval, não só produzia discursos, como acumulava experiências.

² Sobre a relação, no século VIII, dos papas e dos reis, Jean-Claude Schmit (2002, p. 240) diz que a “unção da sagração estabelece entre eles (os reis) e Deus um elo”, desta feita, percebe-se que a relação entre a igreja e o reinado encontrava-se fortemente estabelecida nesse período.

Testamento aliado às convenções e construções sociais influenciou, particularmente, o campo da sexualidade humana.

No que concerne a este campo, as mais diversas manifestações de prazer sexual foram reprimidas e consideradas pecado, incluindo: a fornicação, o adultério, prostituição, sexo antes do casamento e, conseqüentemente, a sodomia, termo com a qual foi nomeada a relação sexual entre homens³. Contudo, estudos sobre a história e a sociedade medieval apontam para a realização de tais práticas ainda que fossem condenadas, como afirma Mattoso (2004, p. 13), “em matéria de sexualidade, aquilo de que mais se fala não é o que mais se pratica e a variedade de comportamentos é de tal modo grande que as médias estatísticas se tornam enganadoras como representação da realidade”.

Um dos textos escritos no período e que serve como documentos históricos sobre o comportamento da sociedade medieval são as cantigas de escárnio e maldizer: produções poéticas, em galego-português, datadas do final do século XII ao século XIV. Tais produções são textos líricos e que foram armazenados em 3 grandes cancioneiros. Estes textos serviram como objeto do presente estudo por se tratarem, talvez, de registros históricos sobre a sociedade, comportamento e pensamento do homem medieval, porém consideramos que as cantigas também são marcadas ideologicamente, visto que são compostas na corte, de modo a não ser propriamente o registro da sociedade total da época.

Franco Jr. (1997, p. 20), sobre os estudos com enfoque no mundo medieval, afirma que "com o século XX se passou a tentar a ver a Idade Média com os olhos dela própria, não com os daqueles que viveram ou vivem noutra momento", assim, com este estudo, buscamos não a reconstrução do momento histórico, mas perscrutar elementos da cultura do povo que viveu naquela época, a partir da perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, examinando os aspectos relacionados às questões socioculturais, linguísticas, históricas. Desenvolveu-se, dessa maneira, um estudo das cantigas de escárnio e maldizer que abordam o sexo entre homens, objetivando entender de que maneira foram construídos os significados (ou, em metalinguagem cognitiva, conceptualizada) a relação sexual entre homens na Idade Média de

³ Richards (1993, p. 139) afirma que, sobre o uso do termo homossexualidade, “há um problema acerca da terminologia. O termo “homossexual” era desconhecido na idade média. A condição em si não era vista como inata. Era vista como um hábito adquirido. Os termos usados na Idade Média eram sodomia e sodomita. Embora estes termos fossem com frequência utilizados para descrever as relações anais masculinos, podiam também ser aplicados à masturbação, à bestialidade e ao sexo não-procriativo em geral”. Logo, nos incorre perceber que, quando usamos sodomia apenas para o sexo entre homens, estamos diante de uma metonímia PARTE PELO TODO. Seria mais um exemplo do traço que permeia a sociedade ocidental: a centralidade do masculino? De qualquer forma, no decorrer do texto optamos por dizer “relação sexual entre homens” ou “homossexualidade”, na tentativa de nos livrar da carga histórico-religiosa que os termos Sodoma (e Gomorra) evocam.

acordo com o material apresentado nas cantigas de escárnio e maldizer.

Observa-se que, a partir de 1980 e com o advento da Linguística Cognitiva, a construção do significado ganhou destaque nos estudos linguísticos cognitivos pois, ao contrário das correntes linguísticas anteriores, o significado passou a ser entendido, de acordo com Ferrari (2011, P. 14), como “uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido”. A esse processo cognitivo de construção do significado dá-se o nome de conceptualização. Em linhas gerais, para a Linguística Cognitiva, na base do processo de construção de significado, estão, entre outras coisas, as metáforas, as metonímias, os esquemas imagéticos, todos dentro de modelos cognitivos idealizados estruturados a partir da nossa experiência com o mundo (LAKOFF E JOHNSON, 1980).

Para a realização deste estudo, nos fundamentamos numa possibilidade elaborada pelos estudos culturais e históricos que apontam para o fato de que a relação entre homens, assim como outros comportamentos considerados como pecado, era conceptualizada com valor sempre negativo aos que a praticassem, sendo uma prática prejudicial à vida humana e que, de acordo com os preceitos morais e cristãos vigentes no momento histórico, deveria ser evitada. Neste contexto, as pistas para esse entendimento, presentes nas cantigas, tiveram um papel central por se tratarem de mecanismos cognitivos, culturais, sociais e históricos. Para a Semântica Cognitiva (vertente da Linguística Cognitiva adotada neste estudo), a linguagem é parte integrante da cognição humana, não sendo possível distanciar a construção do significado dos fatores culturais, psicológicos e comunicativos e históricos. Assim, os mecanismos cognitivos serviram-nos como os “fios de Ariadne” guiando-nos até a compreensão do imaginário sobre a homossexualidade na Península Ibérica.

Assim, os objetivos cumpridos nesta pesquisa foram: a) examinar a conceptualização dos aspectos atinentes ao sexo entre homens, em textos satíricos da poesia galego-portuguesa; b) identificar no *corpus* de expressões metafóricas, metonímicas, esquemo-imagéticas que orientassem para essa conceptualização; c) analisar a construção e funcionamento dos modelos cognitivos idealizados concernentes ao processo das conceptualizações estudadas. Buscou-se, também, d) estabelecer diálogos possíveis entre as áreas da História, Linguística Cognitiva e Linguística Histórica.

Em prol do desenvolvimento do projeto que foi executado, foram utilizados os procedimentos metodológicos previstos pela Linguística Cognitiva, como: a leitura exaustiva e a introspecção, ou seja, uso da intuição baseada na experiência do linguísta para identificar e entender a conceptualização.

As seguintes etapas metodológicas foram cumpridas: a) pesquisa nos *corpora* do site do Projeto *Littera*; b) a partir da ferramenta de busca do próprio projeto, seleção das cantigas que possuem a temática da sodomia; c) leitura completa do *corpus* encontrado; d) revisão da literatura sobre a Linguística e a Semântica Cognitivas; e) constituição do *corpus*; f) revisão da literatura atinente à História Medieval e a Linguística Histórica; g) consulta, quando necessário, a dicionários e noutros estudos e edições das cantigas; h) exame da conceptualização no corpus delimitado; i) e, por fim, a apresentação dos resultados.

A partir de uma abordagem de cunho qualitativo resultante de uma abordagem, também, quantitativa, de natureza bibliográfica, descritiva e interpretativa, foram revisitadas 40 cantigas de escárnio e maldizer disponíveis no site do projeto *Littera*, organizado por Graça Videira Lopes (2011). Após leitura completa do *corpora*, optou-se por cantigas de cinco trovadores que abordaram a alegada homossexualidade de um personagem específico, Fernan Diaz⁴, que formaram o corpus do estudo ora apresentado.

Para expor os resultados do estudo empreendido, os capítulos deste trabalho aparecem organizados da seguinte maneira: o primeiro capítulo atende à necessidade de introduzir o leitor à Linguística Cognitiva. Realizamos um breve histórico situando a Linguística Cognitiva dentro das teorias linguísticas contemporâneas pós-saussurianas; sinalizamos alguns pressupostos teóricos e epistemológicos que norteiam as pesquisas e os aspectos metodológicos que a difere das outras teorias. Abordamos a conceptualização, visto que esse é o foco do estudo. Ao final, detalhamos os modelos cognitivos idealizados para entender a organização do conhecimento humano, tendo como recorte a homossexualidade na idade média.

O segundo capítulo, intitulado “A Idade Média e o seu contexto social e religioso”, propomos algumas considerações gerais sobre a Idade Média, partindo de estudos clássicos realizados, visto que algumas conclusões desses estudos nos fornecem base para configurarmos o medievo como sugerimos nas nossas leituras e interpretações. Abordamos as cantigas e, ao final, propomos algumas considerações sobre sexo no contexto sócio-histórico/religioso do espaço Português onde os cancioneros galego-portugueses circulavam.

⁴ Nos dados biográficos presente no site do Projeto *Littera*, encontramos pouca informação acerca da origem de Fernão Dias, pois não há “nenhum adiantado ou meirinho-mor com este nome, em tempos de Fernando III ou de Afonso X”. Contudo, Sodré (2009, p. 201) informa que ele, talvez, “não se chamaria Fernan Díaz, mas provavelmente Esteban Fernández de Castro, nomeado por Afonso X a partir de 1265 até aproximadamente 1272, quando é deposto devido à sua filiação aos rebeldes nobres contra o Sábio [...]. O provável pseudônimo – de fato, um trocadilho (Fernand[ia]ez) – foi usado pelos trovadores afonsinos, meticulosamente, para a eficácia do escárnio”. Consideramos ser essa uma boa resposta para um possível questionamento que nem ao menos suscitamos dado o fato de não ser o nosso interesse realizar uma pesquisa biográfica acerca do personagem.

O terceiro capítulo, denominado “Leitura, seleção e conceptualizações: a homossexualidade escarnecida e as conceptualizações”, tem por finalidade apresentar o Projeto *Littera*, a seleção do *corpus*, os aspectos metodológicos que envolveram as leituras e as interpretações da conceptualização da homossexualidade nas cantigas e as próprias conceptualizações examinadas. Neste capítulo, no subtópico 4.2, centra-se a análise das cantigas selecionadas.

Para concluir, foram arroladas, nas considerações finais, algumas dificuldades e soluções encontradas no trajeto do estudo; além disso, sistematizamos os dados encontrados a partir da leitura das cantigas e as interpretações concluídas sobre os fatos considerados. Finalizamos, como de costume, com as referências que tanto colaboraram para este estudo.

2 LINGÜÍSTICA COGNITIVA

2.1 HISTÓRICO

Surge na Califórnia, no final dos anos 70, um novo paradigma teórico no âmbito dos estudos linguísticos, denominado de Linguística Cognitiva (doravante, LC). Segundo Silva (2004, p. 1), a LC surge "impulsionada, por um lado, pelo interesse pelo fenômeno da significação [...] e, por outro, pela investigação psicolinguística de Eleanor Rosch (1978) sobre o papel fundamental dos protótipos no processo de categorização". Isto é, a LC desponta com o interesse de pesquisadores em estudar e descrever os fenômenos linguísticos a partir da construção dos significados (CUENCA; HILFERTY, 1999).

Ademais, define-se como uma ciência cognitiva, visto que busca, sobretudo, entender a relação entre capacidades cognitivas gerais e os módulos da linguagem humana, conforme destaca Gibbs (1996, p. 49), a LC "seeks correspondences between conceptual thought, bodily experience, and linguistic structure, and [...] it seeks to discover the actual contents of human cognition"⁵.

Entre os principais autores que deram início à LC estão: Leonard Talmy, George Lakoff, Charles Fillmore, Ronald Langacker e Gilles Fauconnier. São esses representantes que, a partir da união dos interesses em comum, promovem, em 1989, a primeira conferência internacional de Linguística Cognitiva, juntamente com o lançamento da associação internacional, ICLA, e lançamento do periódico *Cognitive Linguistics*. Desse modo, institucionalizou-se o movimento da LC (LEITÃO DE ALMEIDA, et al., 2010).

Os pesquisadores citados discordaram de alguns aspectos do gerativismo, como: a relutância em estudar a questão do sentido/significado, com o mesmo afinco dedicado à sintaxe; o tratamento dado à idiomaticidade das línguas humanas; e, por fim, discordaram da principal proposta gerativa para a modularidade da mente humana; desta forma, eram contrários ao pressuposto da faculdade da linguagem como módulo autônomo (SILVA, 2004). Consequentemente, a LC assume outra postura teórica em relação à linguagem; dessa maneira

adota uma perspectiva não modular, que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades

⁵ "Busca a correspondência entre o pensamento conceitual, a experiência corporal e a estrutura linguística, e [...] procura descobrir os verdadeiros conteúdos da cognição humana" (GIBBS, 1996, p. 49, tradução nossa).

cognitivas, bem como a interação entre os módulos da linguagem, mais especificamente, entre estrutura linguística e conteúdo conceptual. (FERRARI, 2014, p. 14).

Além disso, LC é caracterizada como um modelo teórico heterogêneo, no qual é preponderante a preocupação com o entendimento do fenômeno linguístico a partir das capacidades cognitivas humanas por meio dos contextos de uso. Por isso mesmo, Geeraerts (2006) utiliza a metáfora do arquipélago teórico para definir a LC. Entre as ilhas que compõem esse arquipélago, encontram-se a Teoria da Metáfora Conceptual, formulada por Lakoff e Johson (1980), a Gramática das Construções, o modelo de descrição gramatical que incorpora os aspectos das teorias gerais em LC para atribuir centralidade ao significado na análise gramatical (GOLDBERG, 1995), o interesse pelo processo de aquisição da linguagem (TOMASELLO, 1992) e o fenômeno da gramaticalização (BYBEE, 2001). Pode-se, também, fazer uso da linguística de corpus como opção teórica-metodológica (SILVA, 2014). No âmbito dos estudos realizados na Universidade Federal da Bahia, encontram-se interesses acerca da interface semântica-léxico-morfologia (SOLEDADE, 2015), e entre a Semântica Cognitiva e a formação histórica da língua portuguesa (ALMEIDA, 2016). Essa última vertente da LC é onde está situado o presente estudo.

A seguir, a fim de produzir uma apresentação sobre a LC, faremos a exposição dos seus principais pressupostos teóricos e epistemológicos, bem como faremos a apresentação dos processos mentais de organização do conhecimento que são de interesse desta linha de pesquisa, e, por fim, abordaremos os mecanismos cognitivos específicos que fundamentam a construção do conhecimento, focando na teoria dos modelos cognitivos idealizados, dentro da Semântica Cognitiva.

2.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

Os princípios básicos da LC encontram-se registrados na vasta literatura cognitivista resultante dos quase últimos 40 anos de pesquisa. Tais pressupostos teóricos apontam para o fato de que

a linguística cognitiva estabelece que a gramática não pode ser mais vista como um conjunto de regras que opera sobre categorias de palavras ou de sentenças, mas sim um conjunto de princípios gerais e processuais, que

opera sobre bases de conhecimentos. A língua é então um instrumento que empregamos para expressar pensamentos e interagir em sociedade. (CHIAVEGATTO, 2009, p. 81).

Esse conceito de língua afirmado por Chiavegatto (2009) sintetiza as premissas que guiam a agenda de pesquisa da LC. Dessa forma, a LC segue se diferenciando dos dois grandes movimentos de estudo da linguagem que dominaram por muito tempo o cenário mundial: o estruturalismo baseado nas ideias de Saussure (1916), que compreendeu a língua como um sistema estruturado em si mesmo; e o gerativismo de Noam Chomsky (1965), que definiu a linguagem como módulo autônomo.

Os pressupostos teóricos que alimentam as pesquisas em LC podem ser resumidos em cinco pontos que se correlacionam, descritos da seguinte forma

a. El estudio del lenguaje no puede separarse de su función cognitiva y comunicativa, lo cual impone un enfoque basado en el uso. b. La categorización, como proceso mental de organización del pensamiento, no se realiza a partir de condiciones necesarias y suficientes que determinan fronteras infranqueables entre las categorías cognitivas, sino a partir de estructuras conceptuales, relaciones prototípicas y de semejanza de familia que determinan límites difusos entre categorías. c. El lenguaje tiene un carácter inherentemente simbólico. Por lo tanto, su función primera es significar, de ello se deduce que no es correcto separar el componente gramatical del semántico: la gramática no constituye un nivel formal y autónomo de representación, sino que también es simbólica y significativa. d. la gramática consiste en la estructuración y simbolización Del contenido semántico a partir de una forma fonológica. Así pues, el significado es un concepto fundamental y no derivado en el análisis gramatical. e. Se impone una caracterización dinámica del lenguaje que difumina las fronteras entre los diferentes niveles del lenguaje⁶. (CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 19).

A primeira premissa salientada por Cuenca e Hilferty (1999) aponta para o fato de que o estudo da linguagem não deve separar a língua da sua função cognitiva e comunicativa, essa premissa se relaciona com o que Salomão (2008) denominou de motivação conceptual da gramática, ou seja, contrariando a crença gerativista em uma faculdade da linguagem, os

⁶ “a. O estudo da linguagem não pode ser separado de sua função cognitiva e comunicativa, o qual impõe um enfoque baseado no uso. b. A categorização, como processo mental de organização do pensamento não se realiza a partir de condições necessárias e suficientes que determinam fronteiras intransponíveis entre as categorias cognitivas, mas a partir de estruturas conceituais, relações prototípicas e de semelhança entre famílias que determinam limites difusos entre as categorias. c. A linguagem tem um caráter é inerentemente simbólico. Portanto, sua principal função é significar. Disso decorre que não é correto separar o componente gramatical do semântico: a gramática não constitui um nível representação formal e autónomo, mas também é simbólico e significativo. d. A gramática consiste na estruturação e simbolização do conteúdo semântico a partir de uma forma fonológica. Assim, pois, o significado é um conceito fundamental e não derivado da análise gramatical. E. É imposta uma caracterização dinâmica da linguagem que borra as fronteiras entre os diferentes níveis de linguagem.” (CUENCA E HILFERTY, 1999, tradução nossa).

teóricos da LC acreditam que fenômenos léxico-gramaticais devem ser analisados a partir da relação que estabelecem com outros mecanismos cognitivos gerais, prevendo, dessa maneira, uma relação de continuidade entre as categorias cognitivas humanas (categorias linguísticas, perceptuais ou culturais) (SALOMÃO, 2008).

Outro princípio caracterizador da LC é hipótese da mente corporificada ou hipótese da corporificação (JOHNSON, 1987). Segundo tal hipótese, não há motivos plausíveis para a separação mente e corpo, pois a linguagem é concebida como resultante do reflexo da experiência do corpo no mundo real, ou seja, o fato de pensarmos da maneira como pensamos e o fato de que se esse pensamento é refletido na língua, é decorrente da nossa experiência com o mundo físico. Esta proposta para interpretar a experiência corpórea com o mundo físico foi denominada de experiencialismo (LAKOFF E JOHNSON, 1980), ou seja, os fenômenos psíquicos e sociais são organizados em estruturas, as *gestalts*, criadas a partir das interações sociais e corporais, formando domínios de conhecimentos que são, por sua vez, projetados para outros domínios estruturados. Por exemplo, a emergência de esquemas imagéticos, como FRENTE-TRÁS, ocorre devido à nossa experiência física com o corpo que possuímos e com o mundo físico onde atuamos; com certeza, se tivéssemos o corpo em formato esférico, por exemplo, nossa relação com a orientação espacial seria diferente do que é hoje. Por isso mesmo, de acordo com Ferrari (2009, p. 25), a visão experiencialista

encara a experiência como resultado de estruturas cognitivas e sensório-motoras corporificadas que geram significado através de interações permanentes com ambientes em constante mudança. A experiência é sempre um processo interativo, envolvendo restrições fisiológicas e neurais do organismo tanto quanto ganhos característicos do ambiente e de outras pessoas para criaturas com nossos tipos de corpos e cérebros.

Outro princípio resumido por Silva (2004) é o princípio da primazia da semântica: para a LC, a significação é um fenômeno linguístico básico e, portanto, base para as construções linguísticas, por isso, a LC é considerada uma teoria semantocêntrica. Ademais, esse princípio se relaciona com que foi proposto por Salomão (1999) para os estudos em LC que se desenvolveram até então: a escassez do significante, ou seja, se, desde o estruturalismo, o significante encontra-se no centro dos estudos dos fenômenos linguísticos, com o surgimento da LC, passa-se a considerar a incapacidade do significante de comportar toda a informação linguística, portanto, questões extralinguísticas e da ordem do significado ganham maior dimensão.

Dada essa informação, a mesma autora, Salomão (1999), aponta outro princípio que se

relaciona com o anterior, o da semiologização do contexto, ou seja; a maneira como entendemos a realidade que nos cerca está na base da produção do significado, assim como o contexto dessa produção do significado, ganhando um lugar central na interpretação do fenômeno linguístico. Dados esses princípios correlacionados, a LC caracteriza-se por: promover o estudo do significado, reconhecendo a incapacidade do significante de ser o centro de uma análise linguística, levando, assim, em consideração o contexto.

Outro princípio, que se relaciona aos demais, está registrado em Langacker (1987) quando informa que toda e qualquer análise dentro da LC deve ser baseada no uso linguístico, conforme dito anteriormente, esse princípio faz com que trabalhem com um modelo baseado no uso linguístico. Enfim, as pesquisas dentro do paradigma da LC têm caráter empírico, afinal trabalhamos com corpus representativo, buscando confrontar hipóteses com dados para refiná-las e integrar o modelo de compreensão do significado.

Ao propor um novo modelo de estudos linguísticos, segundo Cuenca e Hilferty (1999), a LC promoveu algumas rupturas das, até então, dicotomias tradicionalmente aceitas pelos estudos linguísticos pós-estruturalistas. Dessa forma, não se concebe, dentro da LC, a distinção entre conhecimento enciclopédico e conhecimento linguístico, visto que o conhecimento é organizado em redes e não em hierarquias estruturais; a LC observa, também, que as metáforas fazem parte da organização do nosso sistema conceptual, logo a distinção entre significado literal e significado figurado não pode ser mantida dentro do modelo proposto; assim como a distinção entre semântica e pragmática, já que o contexto tem forte importância para análise linguística; ademais, para a LC, a gramática e o léxico passam pelos mesmos processos de estruturação e, por isso, não devem, também, ser dicotomizados. (CUENCA; HILFERTY, 1999).

A partir desses princípios, a LC examina e descreve os mecanismos cognitivos que constroem e organizam o nosso conhecimento do mundo. Assim, são estudados processos de organização do conhecimento, como: **a categorização; os protótipos; os frames; os modelos cognitivos idealizados**⁷. Vejamos em que consiste cada um deles.

A categorização é o processo de organização mental no qual entidades semelhantes são agrupadas em classes específicas. Difere-se do modelo estruturalista de organização que previa condições suficientes e necessárias para agrupamento de membros em classes. Rosch (1973), baseada em estudos na área da Psicologia, comprovou que há um nível básico de

⁷ No subtópico 1.3 deste capítulo será desenvolvida a proposta de Lakoff (1987) para a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. Sendo necessário seguir a estrutura organizacional adotada para fornecer um panorama geral das ideias dentro da LC.

especificidade que apresenta padrão comportamental ou imagem mental única e representativa. A partir dessa imagem mental, outros elementos são categorizados nesta mesma classe, servindo como membros mais representativos ou gerais, por exemplo, quando queremos dizer que alguém comprou um meio de locomoção, utilizamos o termo CARRO por ele ser mais representativo desta classe, mas poderíamos especificar dizendo que foi comprado uma BMW ou generalizar totalmente optando por dizer que foi comprado um VEÍCULO.

A partir dos estudos sobre categorização, Lakoff (1987), a partir da leitura de Rosch (1973), observou que, ao organizarmos o mundo em categorias, elegemos um membro da categoria como mais central e enquanto outros são considerados mais periféricos. A partir do estudo com o pronome *THERE* na língua inglesa, Lakoff (1987) pode comprovar que os sentidos polissemicos atrelados ao pronome, partiam de um sentido central e prototípico para outros mais periféricos. Constituiu assim a Teoria dos Protótipos que explica os efeitos de polissemia dos elementos da língua, a partir da organização mental e linguística em categorias radiais.

A partir dos estudos na área da psicologia de *Gestalt*, Filmore (1982) desenvolveu a abordagem da Semântica de Frames. Os frames designam um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado pela experiência. Por exemplo, ao nos depararmos com a expressão “fim de semana” a mesma adquire sentido por se tratar de uma sociedade que segue o calendário cíclico fundamentado em fenômenos da natureza, com 7 dias, dos quais 5 deles correspondem aos dias da semana ou dias de trabalho e 2 deles são destinados ao final dessa semana para início de uma nova. O conhecimento em torno do calendário e fornece o frame para que a expressão *final de semana* adquira sentido.

Os esquemas de imagem são esquemas mentais que codificam padrões espaciais e relações de força que conhecemos a partir da nossa interação com o mundo. Sua definição foi formulada por Sweetser (1990), que mostrou que projetamos os esquemas do CONTÊINER, PARTE-TODO, FRENTE-TRÁS, CIMA-BAIXO ou BLOQUEIO para as construções da língua, por exemplo, quando dizemos “O IPHAN⁸ barrou a construção do prédio”, projetamos o esquema do bloqueio para a construção do significado da ação do órgão público contra uma construção ilegal.

⁸ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é uma parte do Governo do Brasil, vinculado ao Ministério da Cultura, responsável pela preservação do acervo patrimonial material e imaterial do país. Serviu de exemplo a esse parágrafo devido às situações registradas na política brasileira no ano de 2016 envolvendo o escândalo de corrupção na construção do prédio residencial La Vue, no bairro da Barra, em Salvador.

2.3 CONCEPTUALIZAÇÃO E OPERAÇÕES DE CONCEPTUALIZAÇÃO

A construção de sentido através da manipulação mental de estruturas do conhecimento é conhecida na literatura da LC como processo de conceptualização. Conforme define Langacker (2002, p. 2), o processo de conceptualização deve fazer parte da agenda das pesquisas em Linguística Cognitiva, já que o significado tem base conceptual.

Meaning is equated with conceptualization. Linguistic semantics must therefore attempt the structural analysis and explicit description of abstract entities like thought and concepts. The term conceptualization is interpreted quite broadly: it encompasses novel conceptions as well as fixed concepts; sensory, kinesthetic, and emotive experience; recognition of them in mediate context (social, physical, and linguistic); and so on. Because conceptualization resides in cognitive processing, our ultimate objective must be to characterize the types of cognitive events whose occurrence constitutes a given mental experience. (LANGACKER, 2002, p.2)⁹

Sendo o significado o resultado do processo de conceptualização, devemos nos ater ao sentido de significado que esse estudo propõe, seguindo as informações de Silva (2006, p. 4-5) salientamos que

o significado é perspectivista: não reflecte objectivamente o mundo, mas modela-o, constrói-o de determinada maneira ou perspectiva e, assim, de muitas perspectivas diferentes; o significado é enciclopédico: intimamente associado ao conhecimento do mundo e, por isso mesmo, não autónomo nem separado de outras capacidades cognitivas; o significado é flexível: dinâmico e adaptável às mudanças inevitáveis do nosso mundo e das nossas circunstâncias; o significado é baseado na experiência e no uso: na nossa experiência individual corpórea ou biológica e na nossa experiência colectiva, social e cultural e, sempre, na experiência do uso actual da língua.

Seguindo a proposta de Silva (2006), pode-se afirmar que os estudos em LC encaram o significado de maneira oposta como eram encarados, até então, pelos estudos linguísticos, afinal de contas, conforme Chiavegatto (2009, p. 79)

As pesquisas com foco no significado foram relegadas ao segundo plano,

⁹O significado se iguala à conceptualização. A semântica deve, portanto, atentar-se à análise estrutural e a descrição explícita de entidades abstratas, como pensamentos e conceitos. O termo conceptualização tem interpretação muito ampla: engloba concepções novas, assim como conceitos fixos; experiências sensoriais, cinestésicas, e emocionais; o reconhecimento do contexto imediato (social, físico, e linguístico); e assim por diante. Sendo a conceptualização um processamento cognitivo, nosso objetivo final deve ser a caracterização dos tipos de eventos cognitivos cujas ocorrências constituem uma determinada experiência mental." (LANGACKER, 2002, tradução nossa)

porque ainda não tinham sido encontrados critérios adequados para tratar cientificamente do interrelacionamento entre as formas linguísticas, aspectos cognitivos e eventos sociais e culturais para a descrição do funcionamento da linguagem.

Com o estudo da conceptualização, encontramos uma possibilidade de investigar e descrever a construção do significado correlacionando experiências individuais, sociais e culturais com demais aspectos cognitivos e a estrutura linguística em diferentes níveis da linguagem.

A partir de então, entende-se que, para conceptualizar o mundo que nos rodeia e com o qual interagimos e onde interagimos com outros seres, utilizamos mecanismos cognitivos específicos geradores de novas conceptualizações ou significados, entre os quais se destacam: **ajuste focal, metáfora, metonímia, e mesclagem conceptual.**

O ajuste focal consiste no mecanismo responsável pela capacidade humana de conceptualizar uma mesma situação de diversos modos, partindo da construção de diferentes cenários alternativos à mesma realidade, ou seja, uma única realidade pode ser conceptualizada a partir de diferentes pontos de vista. Por exemplo, Langacker (1982) propôs que há uma hierarquia para a determinação do sujeito partindo do ponto de vista adotado no ajuste focal da ação. Assim, poderemos ter a determinação do sujeito partindo da classificação em AGENTE > INSTRUMENTO > TEMA, a depender de qual recorte ou ajuste focal seja conceptualizada a realidade, por exemplo: João quebrou a janela com a pedra (focaliza-se o sujeito - agente); A pedra quebrou a janela (focaliza-se o sujeito – instrumento); A janela quebrou (focaliza-se o sujeito – tema). Todas as três alternativas trazem a mesma realidade, mas conceptualizada de maneira distinta, o que contribui para a determinação do sujeito.

Por metonímia, entende-se a projeção de elementos dentro de um único domínio, a partir de um modelo cognitivo idealizado. A projeção de elementos dentro do mesmo domínio possibilita que tenhamos acesso mental a todo domínio (LAKOFF E JOHNSON, 1980). Por exemplo, quando dizemos que “os alunos leram Machado de Assis” estamos projetando, dentro do Modelo Cognitivo Idealizado de produção textual, o elemento autor para nos referir a produção do autor. Essa relação metonímica é definida como AUTOR-OBRA e é muito comum na língua cotidiana.

A mesclagem conceptual é o mecanismo com o qual são projetados elementos de dois domínios ao mesmo tempo. Essa projeção permite correspondência entre elementos análogos e, também, a emergência de novos sentidos. Por exemplo, Fauconnier e Turner (1996) observaram que a noção de vírus de computador é um sentido emergente de dois domínios, o

domínio (ou *input*) da saúde e o domínio (ou *input*) da computação, a partir da correspondência entre elementos que ambos têm nos seus domínios, surgiu a noção de vírus do computador.

A metáfora, estudada desde antiguidade clássica, sempre foi relegada ao estudo dos textos literários; com a proposta da LC, essa realidade muda e adota-se a perspectiva do sistema conceptual organizado metaforicamente (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Desse modo, a metáfora, presente largamente na linguagem cotidiana, é entendida como a projeção de elementos entre domínios: de um domínio conceptual chamado de fonte para um domínio conceptual chamado de alvo. Por exemplo, quando um casal está tendo uma discussão e uma das partes diz que “nossa relação chegou ao ponto final”, estabelece-se a metáfora AMOR É UMA VIAGEM, na qual elementos da experiência com o domínio conceptual da viagem (fonte) são estruturados no domínio conceptual das relações amorosas (alvo).

2.4 MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS: METÁFORICOS, METONÍMICOS E ESQUEMO-IMAGÉTICOS

O conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (doravante, MCI) foi proposto por Lakoff (1987) ao utilizar do conceito de *gestalt* para explicar aspectos importantes da cognição humana como os efeitos prototípicos (FELTES, 2007). O MCI pode ser definido como conhecimento construído a partir das representações cognitivas e estereotipadas de base cultural. Segundo explica o próprio Lakoff, no capítulo 4 da obra *Women fire and dangerous things* de 1987, a teoria dos modelos cognitivos idealizados (TMCI) se baseia nos estudos da Semântica de *Frames* de Fillmore (1982), na Teoria da Metáfora e Metonímia de Lakoff e Johnson (1980), na Gramática Cognitiva de Langacker (1986), e na Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1985).

A TMCI, portanto, se relaciona com a Semântica Cognitiva desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980) para explicar o processo de significação. Como dito anteriormente, o processo de significação é o centro dos estudos em LC; por sua vez, Lakoff (1987, p. 292) informa que o significado “is not a thing: it involves whats is menaning ful to us. Nothing is meaningful in itself. Menaning fulness derives from the experience of functioning as a being of a certain sort

in an environment of a certain sort."¹⁰

Para explicar o funcionamento dos MCI, Lakoff (1987, p. 70-75) propõe dois exemplos, o MCI para os conceitos de *bachelor* (solteirão, em inglês) e mãe. Para explicar como se operam os domínios idealizados, usaremos o exemplo proposto para mãe, por se tratar de um conceito mais universal do que o conceito de *bachelor*.

Tradicionalmente, o conceito cultural de mãe, numa sociedade como a brasileira, resulta na definição de mãe como “mulher que deu à luz a uma criança”. Esse conceito está relacionado a uma representação prototípica do MCI de nascimento, no qual implica a existência de um ser humano concebido após gestação no corpo feminino. Se instanciamos o significado de mãe ao MCI da criação, a mãe já não será necessariamente aquela que deu a luz, mas aquela que criou ou cria alguma criança. O mesmo é válido para o MCI da genética que, com o desenvolvimento da tecnologia, permitiu que se pensasse na mãe como “aquela que contribuiu com material genético”. Há, também, o MCI da genealogia, no qual a mãe é o ancestral feminino de parentesco mais próximo, e ocorre, geralmente, em casos no qual a criança é criada por avós ou tias que são consideradas as mães. Além desses MCI citados, Lakoff (1987) aponta ainda para o MCI da nutrição (a mulher de onde provém alimentação para a criança) e conjugal (a esposa do pai).

Dessa forma, percebe-se que o MCI, ativado a partir de esquematizações, promove efeitos de prototipicidade. A construção do significado sobre mãe dependerá de determinadas estruturas de conhecimento que são ativadas com base nos domínios da experiência que estão associados a essa categoria, conforme Silva (2004). Resulta daí, a importância de estudar os MCI para entender o processo de conceptualização ou significação. Visto que as esquematizações promotoras do MCI não são de caráter individual, antes, advêm de esquemas compartilhados culturalmente entre os envolvidos numa sociedade; são esquematizações ligadas às experiências corpóreas, sociais, culturais, históricas; logo, é preciso entender como se ordenam essas estruturas.

Lakoff (1987) define quatro tipos de modelos cognitivos idealizados: a) simbólicos; b) posicionais; c) metafóricos; d) metonímicos; e) de esquema de imagens. Como o presente estudo está focalizado nas conceptualizações por metáfora, metonímia e esquemas de imagens, serão esses os MCI explanados a seguir.

¹⁰ “não é uma coisa; envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significação deriva da experiência do funcionamento como um ser de certo tipo em um meio ambiente de certo tipo”. (LAKOFF, 1987, p. 292, tradução nossa).

2.4.1 O domínio cognitivo idealizado por metáfora

Como dito anteriormente, o sistema conceptual humano é organizado metaforicamente (LAKOFF E JOHNSON, 1980), a partir desse pensamento, a metáfora alcançou outro status, não sendo mais considerada uma figura de linguagem, desvio da linguagem ou recurso da linguagem poética. Observa-se, então, a projeção que ocorre entre dois domínios da experiência humana, um desses domínios (domínio-fonte) será projetado em prol da compreensão do outro domínio (domínio-alvo). Por exemplo, costumamos compreender a discussão em termos de guerra, assim, são plausíveis e usuais enunciados como:

- (1) Você atacou todos os argumentos dele
- (2) Seu argumento é indefensável.

Nos exemplos anteriores, a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, é apresentada por expressões metafóricas comuns ao ambiente sociocultural, no qual as guerras são travadas com ataques e defesas entre lados opostos. Esse aspecto da guerra é projetado para entendermos a argumentação e a contra argumentação durante uma discussão. Assim, o modelo cognitivo idealizado para as discussões é construído metaforicamente a partir do domínio da experiência (direta ou indiretamente) com a guerra. Essas metáforas foram caracterizadas por Lakoff e Johnson (1980), como metáforas estruturais além dessas, os referidos autores caracterizaram também as metáforas orientacionais e metáforas ontológicas.

As metáforas orientacionais estão relacionadas à orientação espacial e são os tipos de metáfora que “organiza(m) todo um sistema de conceitos em relação a um outro” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 59). A título de exemplo, quando nos referirmos a *status* econômico, financeiro, intelectual ou social falamos em termos de orientação física (para cima ou para baixo a depender da conceptualização), por exemplo, em:

- (3) João casou e elevou o nível de vida.

Ou o oposto:

- (4) João perdeu o emprego e rebaixou o seu nível.

Em ambos os casos, estamos usando os conceitos de verticalidade para falar de uma mudança de *status*. Isso é possível devido à seguinte metáfora: STATUS SUPERIOR É PARA CIMA; STATUS INFERIOR É PARA BAIXO. Assim, o modelo cognitivo idealizado da mudança de *status* na nossa sociedade é entendido a partir dessas metáforas orientacionais.

Outro tipo de metáforas são aquelas que servem como “forma de se conceber eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias” (LAKOFF; JOHNSON, 2002

[1980], p. 76). Tais metáforas são ontológicas e são amplamente usadas no cotidiano por nos ajudar a conceber experiências abstratas; a nos posicionar, a agir, a quantificar e a entender de que maneira alguns conceitos existem na experiência humana. Um exemplo do uso da metáfora ontológica é quando nos referimos à experiência com a crise. Consideramos a crise como sendo uma entidade com capacidades de agir sobre as nossas vidas, por exemplo, durante momentos de crise, são propícios enunciados como:

(5) A crise econômica acabou com as lojas.

Nessa expressão metafórica, nos referimos à crise como uma entidade capaz de agir sobre nossas vidas, abrindo ou fechando oportunidades. Dessa forma, emerge a metáfora ontológica *CRISE É UMA ENTIDADE*. Podemos ainda, personificar a crise em termos de ser humano, a partir de construções como:

(6) A crise roubou milhões da economia brasileira.

A crise é personificada, ganhando capacidades e contornos humanos, e assim somos capazes de entender/agir racionalmente sobre um domínio da experiência a partir da metáfora ontológica.

Nos três casos de metáforas (estrutural, orientacional, ontológica), observa-se que, na construção dos modelos cognitivos idealizados, há uma base cultural que possibilita/delimita a ocorrência das expressões metafóricas. Ocorre que um grande número de metáforas, como aponta Feltes (2007, p. 156), são “inconscientes, automáticas, convencionais e utilizadas sem esforço”, por isso mesmo nem sempre é perceptível, no cotidiano, por um falante comum, o uso de determinada metáfora.

2.4.2 O domínio cognitivo idealizado por metonímias

Lakoff e Johnson (1980) definem que, além da metáfora, a metonímia também faz parte do arcabouço cognitivo humano. Segundo os autores, no processo metonímico

uma entidade está sendo usada para se referir a outra. Metáfora e metonímia são processos de natureza diferente. A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia [...] permite-nos usar uma entidade para *representar* outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 92-93).

Assim como a metáfora, a metonímia é um mecanismo amplamente encontrado no cotidiano. Diferentemente daquela, nessa, há um processo que não relaciona dois domínios distintos. Antes, estamos diante de um domínio da experiência, domínio A; para entender, referenciar, reconhecer o domínio A, usamos algo que faz parte desse domínio, algo que, para nós, será prototípico no modelo. Os protótipos são provenientes da “ideia that some members of a category may be ‘better examples’ of that category than others.”¹¹(LAKOFF, 1987, p. 12). Ainda em Lakoff (1987), encontramos as fontes que servem para construção das metonímias, seriam elas: os estereótipos sociais, exemplos comuns, os ideais, entre outros.

Por exemplo, há o estereótipo social de que quem detém o título oficial de chefia dentro de uma instituição comandaria todas as ordens. Assim, em determinadas situações, em decorrência desse estereótipo, certas metonímias são utilizadas, por exemplo, em enunciados como:

(7) Obama expulsa 35 diplomatas russos da Embaixada de Moscou.¹²

Há um caso da metonímia PARTE PELO TODO. Determinou-se que a ação de expulsar os diplomatas partiu de Obama por ele ser o representante eleito na nação, no caso, Estados Unidos, contudo, uma medida como a expulsão de determinados representantes de outras nações de suas embaixadas só pode ser realizada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos (em inglês: *United States Department of State*). Assim, a metonímia PRESIDENTE PELA NAÇÃO ou PRESIDENTE PELO GOVERNO tem sua base num estereótipo social difundido historicamente acerca do papel da presidência num país.

2.4.3 O domínio cognitivo idealizado por esquemas imagéticos

São modelos que têm origem na nossa natureza corporal-cinestésica e relacionam-se com a nossa experiência corpórea dentro do espaço. Em Lakoff (1987), são abordados os seguintes esquemas imagéticos: CONTÊINER, PARTE - TODO, LIGAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, ORIGEM-PERCURSO-META, PARA CIMA-PARA BAIXO. Tais esquemas se relacionam com os mecanismos metafóricos e metonímicos de compreensão do mundo.

¹¹ “ideia de que alguns membros de uma categoria podem ser “melhores exemplos” dessa categoria do que outros.” (LAKOFF, 1987, tradução nossa).

¹² A notícia usada como exemplo circulou na mídia no dia 29 de dezembro de 2016, em diversos sites jornalísticos. Link: <istoe.com.br/obama-expulsa-35-diplomatas-russos-por-suposta-interferencia-em-eleicao/>. Acesso em 25 de março de 2017.

Para entender de que maneira isso ocorre, podemos usar como exemplo o esquema de contêiner ou recipiente. Observa-se que um recipiente ou container possui dois lados, um interno e outro externo, esses lados são diferenciados a partir do estabelecimento de uma fronteira (real ou imaginária). Nosso corpo pode ser entendido como um contêiner ou recipiente à medida que consideremos como parte interna do nosso corpo o local onde estão localizados nossos principais órgãos e a parte externa o mundo que nos cerca, em situações em que estamos prestes a tomar alguma medicação intravenosa a partir da aplicação com uma agulha, nossa pele pode se tornar a fronteira idealizada. Furando ou passando pela a fronteira, a agulha passa a entrar no nosso corpo, o recipiente.

Esse conceito pode ser metaforicamente ampliado. Por exemplo, se pensarmos no conceito de família. A família seria prototipicamente formada por aqueles que residem conosco na mesma casa, estariam, também, associados àqueles que possuem ligações maritais com nossos parentes sanguíneos. Quando algum parente mais próximo, residente ou não do mesmo local, se divorcia, são comuns enunciados como:

(8) Ex-padrasto saiu da minha família faz cinco anos.

Sendo o oposto válido também, assim temos:

(9) Minha cunhada entrou para minha família quando casou em 2015.

Nesses casos, a família é entendida com um contêiner, por conter uma estruturação que envolve uma parte INTERIOR, EXTERIOR e uma FRONTEIRA.

2.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, discutimos os aspectos históricos, epistemológicos e teóricos que permeiam a Linguística Cognitiva, seguindo, principalmente, duas publicações inaugurais em LC, Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987), contudo outros autores, nacionais e internacionais, serviram de base para fundamentar nossas afirmações sobre a LC. Observa-se que, tendo em vista o alcance do objetivo de apresentar um panorama teórico, pretende-se, a partir daí, dar continuidade a alguns pontos aqui iniciados, porém de maneira analítica. Propomos, assim, uma investigação seguindo os princípios básicos destacados neste capítulo.

Salientamos, então, os seguintes princípios: a concepção de língua como instrumento que usamos para expressar pensamentos e interagir na sociedade, logo, o seu estudo não pode ser realizado separando-a da sua função cognitiva, por outro lado, deve-se levar em

consideração a organização mental em rede que integra a linguagem a outros mecanismos cognitivos gerais. Levaremos em consideração, também, o fato de que nossa experiência física-corporal com o mundo externo encontra-se no centro dos estudos semânticos cognitivos. A construção da significação é o que nos move a investigar pistas nos textos escritos, buscando compreender empiricamente a conceptualização enquanto fenômeno de construção do sentido.

É do nosso interesse, também, compreender de que maneira são construídos os modelos cognitivos idealizados sobre as coisas no mundo, como a relação sexual, o casamento, a religião, a moral e as doenças. E de que maneira esses domínios idealizados associados à metáfora, metonímia e esquemas imagéticos são projetados nas ações e na linguagem. Observa-se que há uma lacuna no que diz respeito ao estudo dos textos medievais sob a ótica da LC, contudo alguns pesquisadores, como Simões Neto (2016), Lopes (2016) e Torrent (2009), têm se lançado nestes estudos contribuindo com o conhecimento acerca da construção dos significados que reverberam através dos tempos. Portanto, no próximo capítulo, a partir de alguns autores contemporâneos clássicos, faremos uma apreciação sobre o período da baixa Idade Média, focando no que diz respeito aos aspectos sócio-históricos pertinentes ao nosso estudo.

3 A IDADE MÉDIA E O SEU CONTEXTO SOCIAL E RELIGIOSO

Neste capítulo, realizamos uma (breve) apresentação acerca do conceito de Idade Média (doravante, IM) que traz implicações com o estudo apresentado. Sinalizamos conclusões às quais alguns autores chegaram e como tais conclusões nos fornecem base para configurarmos o medievo como propomos nas nossas leituras e interpretações. Seguindo os estudos históricos feitos pelos autores já referidos, propomos um painel sobre o contexto sócio-histórico-religioso do espaço português onde os cancioneiros galego-portugueses circulavam.

3.1 DEFINIÇÃO DO TEMPO SOBRE O QUAL FALAMOS

O tempo a que chamamos de IM é recoberto por sentidos, muitas vezes, pejorativos, a partir do que foi afirmado pelos renascentistas, a fim de marcar diferenciação entre seu tempo e o tempo pretérito. Longe deste preconceito, alguns reconhecem na Idade Média a ação de um tempo produtor de conceitos e basilar para os tempos advindos dele (SCHIPANSKI, 2009). Contudo, os rótulos como “época das trevas”, “tempos sombrios”, “tempo da escuridão” permeiam o imaginário sobre o período criando uma imagem depreciativa. Porém, quando falamos em IM, estamos também falando de um momento histórico repleto de ambiguidades: época de fé, de batalhas, de tradições, de rompimentos, de plantio, de agricultura, de epidemias, de artes, de inovações arquitetônicas (LE GOFF, 1993).

Sobre a periodização da IM, é necessário cautela, como alerta Franco Jr. (2001, p. 14), pois se trata de um período de “balizas cronológicas discutíveis”. Assumem-se, em concordância com Le Goff (2005, p. 54), diversos prismas para atribuir datação à IM, por exemplo, podem-se considerar os prismas da economia, religião, política, conquistas territoriais. Franco Jr. (2001) nos oferece as seguintes delimitações: o início da IM seria marcada no ano de 330 quando ocorre a liberdade de culto aos cristãos ou em 392, ano da oficialização do cristianismo, contudo, por consenso geral, é escolhido o ano de 476 como ponto de partida da IM, pois ocorre a deposição do último imperador romano. Para o término da IM, três datas chamam a atenção da historiografia tradicional: o ano de 1453, devido à queda de Constantinopla e fim da Guerra dos Cem Anos; o ano de 1492 que tem como marco

a descoberta da América e, por fim, o ano de 1517, quando se inicia a Reforma Protestante.

Assim, a IM significa um período que recobre os séculos V e XV, que são divididos em dois blocos: a alta e a baixa IM. A primeira equivale ao tempo marcado pela queda do Império Romano do Ocidente, em 476, a partir das invasões dos povos germânicos; nesse momento, há a formação do feudalismo, sistema socioeconômico que predominou durante um longo período; corresponde, também, ao período de consolidação do poder da Igreja. A baixa IM inicia-se a partir do século XI e corresponde ao período das expedições militares religiosas com objetivo de expulsar dos muçulmanos que invadiram a Europa Feudal, essas expedições ficaram conhecidas como Cruzadas; esse período é marcado, também, pela formação dos espaços nacionais europeus cuja configuração geográfica espacial se delimitou desde então, o que colaborou para um renascimento das rotas comerciais urbanas, formação de cidades e proliferação de doenças, como a peste negra que, ao final do período, dependendo da região afetada, dizimou, conforme Franco Jr (2001, p. 37) “de dois terços a um oitavo da população”, exatamente, por isso, a baixa IM é marcada, também, como período de crise e perturbações políticas sociais generalizadas. (RICHARDS, 1993)

As divisões da IM entre acontecimentos e seus séculos tem caráter historiográfico e suas datações são discutidas e consideradas¹³, contudo concorda-se com o fato de que “como quase todas as épocas, a IM foi uma mistura de êxitos e derrotas, de felicidades e de dramas.” (LE GOFF, 2008, p. 53). Para compreender a formação desse quadro exposto por Le Goff (2008) sobre a IM, busca-se entender as singularidades do período, os aspectos gerais da sociedade feudal, da organização política e religiosa desse tempo que, guardadas as devidas diferenças, permanece em constante diálogo com o nosso (TREVISAN, 2014).

3.2 CANTIGAS NA IDADE MÉDIA

Mattos e Silva (1988) situa o Português Medieval entre os séculos XIII e XVI, contudo essa datação pode ser alterada em decorrência da perspectiva adotada pelo

¹³ Observa-se que Franco Jr. (2001) caracteriza a Idade Média em três períodos: Alta Idade Média, correspondendo ao período de expansão territorial e unificação da Igreja com o poder, por meio da aliança estabelecida com Carlo Magno; Idade Média Central, do século XI ao XIII, correspondendo ao fortalecimento do Feudalismo; Baixa Idade Média, correspondendo ao final do período marcado pelas crises estruturais e final da IM. Contudo, mesmo concordando com essa divisão, optou-se pela apresentação genérica em dois blocos de períodos, utilizada, também, por outros autores.

pesquisador¹⁴. Com base em Mattos e Silva (1988, 1993, 1997), situamos, como período arcaico do Português, o espaço temporal que compreende os primeiros documentos escritos (Testamento de Afonso II de 1214, Notícia de Torto entre 1210 e 1216) até a publicação das gramáticas de Fernão de Oliveira em 1536 e de João de Barros em 1540, ou seja, as primeiras reflexões metalinguísticas e a tentativa de normatização do Português. Ademais, tal período pode ser dividido em duas fases: a 1ª fase, correspondente ao século XIII até 1385 e chamaremos essa fase de galego-português; a segunda fase é situada entre 1385 até meados do século XVI e corresponde à fase final do galego-português, dando lugar posteriormente ao Português Clássico. Tais fatos são relevantes, visto que foi, na primeira fase, no século XII, que entrou em circulação a lírica Galego-Portuguesa (OLIVEIRA, 1993).

A lírica trovadoresca pode ser definida como um conjunto de textos poéticos, musicados que circulavam pela corte e encontram-se registradas em cancioneiros. Tais cancioneiros são: Cancioneiros da Biblioteca Nacional (em Lisboa), Cancioneiro da Vaticana (localizada na Biblioteca da Vaticana, em Roma) e Cancioneiro da Ajuda (localizado no Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa) e registram 1680 cantigas, além de mais 420 Cantigas de Santa Maria.

As cantigas se dividem em 2 tipos: as cantigas de amor e de amigo, que retratavam uma relação amorosa partindo do prisma feminino ou masculino, na qual contavam-se as histórias de um amor não correspondido, pela falta dele ou pela dedicação total ao sentimento; e as cantigas de escárnio e maldizer, nas quais as personagens e situações eram satirizadas e escarnecidos; os motivos variam, podendo se tratar de questões financeiras, comportamento sociais, políticos ou sexuais, aspectos físicos e assuntos do cotidiano; esses tipos de cantigas se diferenciam a partir uso do *equívoco*, recurso retórico que possibilita um duplo sentido dado à interpretação; esse recurso foi utilizado nas cantigas de escárnio, porém não usado nas cantigas de maldizer¹⁵ (GONÇALVES; RAMOS, 1985).

Sobre a origem das cantigas galego-portuguesa, Lopes (2002) assegura que a língua poética franca, mais precisamente, a poesia de Provença, sul da França, serviu como ponto de partida ou como escola poético-musical na qual se baseou a escola trovadoresca galego-portuguesa. Sobre os envolvidos na circulação das cantigas encontra-se registrado que reis,

¹⁴ Um exemplo desse ponto de vista encontra-se localizado no texto de "O primeiro século do português escrito" de Ana Maria Martins (2007).

¹⁵ Para uma discussão acerca da diferenciação entre as cantigas de escárnio e maldizer, é recomendada a leitura do capítulo 4, A Cenografia trovadoresca Galego-Portuguesa, mais precisamente a subseção 4.1.2 As cantigas de escárnio e maldizer, da dissertação de Arivaldo Sacramento (2008), intitulada: A representação das relações entre homens nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas.

príncipes e nobres, escudeiros e/ou cavaleiros, e clérigos, todos ligados de alguma maneira à corte, serviam como “intermediários culturais da lírica trovadoresca” (MEDEIROS, 2009, p. 24) denominados como trovadores, contudo, por outro lado, encontravam-se os jograis que não pertenciam à alta posição social na corte, porém sabiam ler e detinham algum conhecimento sobre a musicalidade das cantigas (SPINA, 1996).

É preciso salientar que as cantigas, para além da importância enquanto expressão artística, são fontes remanescentes para pensar sobre a sociedade de uma época. Longe de adentrar a discussão acerca da ficcionalidade ou não-ficcionalidade de tais textos, salientamos e concordamos com a posição assumida por Lopes (1994, p 32) de que “o corpus satírico dos cancioneiros mostra-nos uma poesia em estreita relação com a sociedade de seu tempo, ocupando um lugar que nenhuma outra escola poética voltaria a conquistar”, ou seja, a lírica trovadoresca está no centro de “uma sociedade civil humanamente multifacetada e em movimento” e deixa traços e rastros para que possamos elaborar algumas colocações a seu respeito.

Ainda sobre a importância das cantigas na formação da identidade cultural portuguesa, Mattoso (2007, p. 43) informa que elas representam “o primeiro movimento cultural de certa amplitude efectivamente identificável com o País (Portugal)”, por isso, identifica-se que o movimento sociocultural que as cantigas representam coincide com o momento de formação dos Estados Nação, por isso mesmo, elas servem como influência à nação e, ao mesmo tempo, são influenciadas pelo território que se fortalecia até então. Como justificativa a este fato, Mattoso (2007, p. 47) diz que a relação entre as cantigas e a expressão cultural é inegável, pois

envolve várias camadas da população, atinge não só a corte, mas também os palácios senhoriais, atrai clérigos e leigos, manifesta-se nas romarias e nas cidades, inspira-se em cantos populares, integra influências culturais [...], não se pode deixar de notar o apoio que recebe da classe dominante e dos principais e mais activos fautores da centralização política que viviam nas cortes.

3.2.1 Fonte de dados para o estudo das cantigas

A poesia trovadoresca galego-portuguesa chegou até os nossos dias por meio de

edições que colaboraram como fontes secundárias para que se desenvolvessem estudos acerca de tais textos. Entre as edições críticas mais conhecidas, estão as edições de Manuel Rodrigues Lapa, de 1965, 1970 e 1995 e o estudo e edição de Graça Videira Lopes, de 2002, ambos os trabalhos de edição foram consultados pela importância na preservação, reestruturação e interpretação dada aos textos medievais. Contudo, as cantigas que serviram de *corpus* para o presente estudo foram retiradas da edição realizada pelo Projeto *Littera*.

O *Littera, edição, atualização e preservação do património literário medieval português*, é um projeto que, durante os anos de 2007 e 2010, sob a orientação da professora Graça Videira Lopes, teve como objetivo disponibilizar em rede a totalidade das cantigas medievais presentes nos cancioneiros galego-portugueses, contendo ainda as imagens dos manuscritos, a música de algumas das cantigas, informações toponímicas e antroponímicas gerais acerca dos autores, personagens e lugares referidos. Consta, também, no site do projeto, um documento que precede as cantigas do Cancioneiro Nacional de Lisboa e aborda aspectos da poética trovadoresca.

A escolha por esse formato de edição é explicada pelas questões ligadas à acessibilidade que tal suporte possibilita, como, por exemplo, o site oferece um campo para pesquisa nas cantigas. Assim é possível selecionar cantigas a partir do cancioneiro, gênero, tipo e tema específicos. Sobre os critérios de edição, Lopes; Ferreira, et al (2011) informam que o texto base para a edição é composto pela totalidade das cantigas profanas dos três cancioneiros já citados, totalizando cerca de 1680; o tratado “Arte de Trovar”. Como critérios de fixação e de edição dos textos, Lopes (2014, p. 7), informa-nos que se levou em consideração leituras e propostas de edição feitas por demais especialistas, como Michaelis, Lang, Nobiling, Nunes, Lapa e Cohen. Ainda nos é fornecido o acesso à imagem do manuscrito que possibilita a qualquer instante uma conferência da leitura realizada pelos editores do *Littera* comparando com a lição original apresentada pelos códices. Algumas incongruências, como espaços sem branco nas cantigas editadas, são explicadas em notas que nos auxiliam no entendimento de variantes ou possibilidades de leituras realizadas por outros editores.

3. 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEXO NA IM

Jeffrey Richards (1993, p. 13), mapeando as normas e valores aceitos na sociedade

medieval, informa que o século XII

assistiu a uma curva ascendente de auto-expressão na religião e na sexualidade, com homens e mulheres buscando explícita ou implicitamente maior acesso a Deus e maior controle de seus corpos. A reação por parte das autoridades foi a exigência de conformidade religiosa e sexual. Seu discurso foi o grito familiar dos intolerantes de sempre - “Ele é um de nós?”.

A partir da leitura elaborada por Richards (1993), percebe-se que a sociedade medieval estava mergulhada em tensões: de um lado, buscavam assemelhar a imagem do homem à imagem divina e, de outro lado, conviviam com os desejos e punições além das tensões entre a noção de comunidade e o individualismo¹⁶. É exatamente nessa sociedade, de características cristãs, que o sexo, algo pessoal, deixa essa esfera e tornar-se algo de “interesse comunitário” (FRANCO JR. 2001, p. 172).

Na leitura da sociedade medieval, é preciso considerar ainda que as interpretações do tempo, das doenças, das guerras, do crescimento demográfico e da expansão urbana e comercial se distinguem da nossa interpretação, no nosso tempo. Logo, Richards (1993) destaca dois grandes pontos cruciais consideráveis que marcaram a construção da vida social da IM: a passagem do milênio e a chegada da peste negra. A relação com o fim do mundo ou fim da vida, movia muitos a “estar preparados para encontrarem o criador; daí o impulso em direção à penitência, à peregrinação, [...] ao ascetismo pessoal” (RICHARDS, 1993, p. 15).

A sociedade medieval, por assim dizer, temia qualquer aspecto que colocasse em risco a sua estrutura construída em cima de imagens que miravam o sagrado, conforme Franco Jr. (2001, p. 130),

a negação de qualquer um dos aspectos da sociedade punha automaticamente em risco toda sua estrutura. Era o caso da exclusividade eclesiástica do sagrado (que os feiticeiros ameaçavam), do regionalismo e imobilismo dos costumes (que os estrangeiros rompiam), do controle cristão sobre a nova economia de mercado (que via nos judeus concorrentes), dos valores sexuais tradicionais (que os homossexuais desafiavam), da desigual distribuição social das riquezas (que a presença dos pobres delatava).

O medo de negar o ideal cristão, criado e sustentado coletivamente, movia a promoção

¹⁶ Alguns autores como Franco Jr. (2001) discordam da colocação da igreja e do cristianismo como causador das interdições ligadas ao sexo, afirmando que “a mudança de comportamento começa, na verdade, antes do Cristianismo, com certas correntes filosóficas pagãs defendendo uma vida mais regrada, mais afastada dos prazeres materiais, considerados animalizadores do ser humano”. Contudo, não é do nosso interesse neste estudo mapear as causas gerais da interdição sobre o sexo ao longo dos tempos, antes, buscamos situar a sociedade medieval no seu tempo restrito. Para outras possibilidades, recomendamos a leitura dos dois primeiros volumes da História da Sexualidade de Michel Foucault (1997; 1998).

dos sujeitos contraventores, à posição de marginalizados. Sobre o papel da igreja nessa configuração, Le Goff (1992, p. 150) informa que

o cristianismo deu uma justificativa transcendente, baseada simultaneamente na teologia e na Bíblia [...] também transformou uma tendência minoritária num comportamento “normal” da maioria, em todo caso nas classes dominantes, aristocrática e/ou urbanas, e forneceu aos novos comportamentos um enquadramento conceitual novo (vocabulário, definições, classificações, oposições) e um controle social e ideológico rigoroso exercido pela Igreja e pelo poder laico ao seu serviço [...] ofereceu finalmente uma sociedade exemplar que realizava sob a sua forma ideal o novo modelo sexual: o estado monacal.

Segundo Richards (1993), o sentido de comunidade, que por anos norteou a sociedade medieval, dividiu espaços, na baixa IM com o sentido de individual e, como subproduto do individualismo medieval, surgiu a heresia, modo pelo qual alguns marcavam uma posição contrária aos preceitos religiosos, cometendo pecados que foram determinantes no século XII e XIII: a avareza e a ambição.

Neste contexto de desenvolvimento, coube à Igreja, e não apenas a ela, assumir o controle da vida em sociedade. Assim., conforme Richards (1993, p. 142), a igreja, no século XII e XIII, “se apressava em assumir o controle da sagrada instituição do casamento e para promovê-lo como instituição leiga central da sociedade civilizada”, assim, a homossexualidade, prostituição, sexo fora do casamento ou por prazer, eram vistos como “ameaça a esta campanha de longo prazo”.

Entretanto, o mesmo Richards (1993, p. 20), sobre a emergência de métodos de controle social, informa que houve uma

emergência, tanto na Igreja quanto no Estado, de poderes monárquicos centralizados, cujo interesse era manter a unidade e a uniformidade baseadas numa configuração de princípios prescritos - religiosos, políticos e sociais, - fez com que a Europa ocidental passasse a se empenhar numa supressão sistemática da dissensão e da desordem em todas as esferas da vida.

Exatamente nesse caminho de leitura, entende-se que não somente a Igreja foi responsável pelas restrições à vida sexual, principalmente no que diz respeito à relação entre homens, visto que essa discussão pode ser recuada no tempo, encontrando ecos na Antiguidade, pois, parece ser certo que, a todo tempo, prezava-se a manutenção da masculinidade, que previa a negação do feminino, fato esse que permaneceu na IM e na construção do discurso sobre o sexo ao longo dos tempos (FOUCAULT, 1998). Entretanto,

observa-se que, dado o fato da Igreja possuir papel central na vida medieval, ela servia como condutor dos códigos morais que construíram a noção de sociedade.

De acordo com Rodrigues (1978, p. 44), “cada sociedade elege certo número de atributos que configuram o que o homem deve ser, tanto do ponto de vista intelectual ou moral, quanto do ponto de vista físico”. Esses atributos são construídos não em única esfera, mas a partir de diversos discursos que impactam na construção de expectativas, imagens, obrigações acerca do modo de agir e pensar que, se não forem seguidas, irão “ser sancionadas negativamente pelo grupo” (RODRIGUES, 1978, p. 34).

Assim, não surpreende o fato de que o discurso sobre o que é moral e não moral no campo da sexualidade, dentro da IM, perpassou diversas esferas pecaminosas do sexo, de acordo com Le Goff (1992, p. 152),

a unificação da reprovação da sexualidade se dá em torno de três noções: 1) a da fornicação que aparece no Novo Testamento e será consagrada, sobretudo a partir do fim do século XIII, pelo sexto mandamento de Deus: “Não fornicarás”, que designará todos os comportamentos sexuais ilegítimos (inclusive dentro do casamento); 2) a da concupiscência, encontrada sobretudo entre os Pais e que está na origem da sexualidade; 3) a da luxúria que, logo que se cria o sistema dos pecados capitais do século V ao XII, reúne todos os pecados da carne. [...] o Antigo Testamento muitas vezes indulgente a este respeito, concentrara a repressão da sexualidade nas proibições rituais [...] as principais referem-se ao incesto, à nudez, ao homossexualismo e à sodomia, ao coito durante a menstruação feminina.

Na busca por entender a construção dos significados acerca da relação entre homens na IM, surge o questionamento sobre as fontes dessas evidências. Conforme Richards (1993, p. 33), observa-se que são três as categorias de textos que evidenciam o comportamento sexual: “teóricos (textos médicos, tratados teológicos, códigos de leis), práticas (registros de tribunais, os manuais de penitência da Igreja) e culturais (poesia, prosa, anedotas, rimas)”. Enquadram-se as cantigas no grupo dos textos de caráter culturais e, como elabora Lopes (1994, p. 154), as cantigas sobre sodomia possuem

um tom muitas vezes jocoso, mas sempre inequivocamente, condenatório. De facto, ainda que geralmente a atitude de trovadores e jograis sobre a matéria denote uma tolerância muito superior à que se pode encontrar nos documentos oficiais da época, quer os da Igreja, quer mesmo o das autoridades civis, é um facto que aludir à homossexualidade de alguém é sempre, nos Cancioneiros, uma forma de dizer mal.

Para além do estabelecido por Lopes (1994), encontramos nos textos medievais,

segundo Richards (1993, p. 30), estereótipos do que era considerado “ameaças à estrutura social estabelecida ou à estrutura ideológica existente”. E, se a estrutura estabelecida socialmente ou estruturada ideologicamente reconhece como positivo a masculinidade, os comportamentos ditos “desviantes” seriam vistos negativamente como ameaças.

Diante do exposto, é preciso perguntar: como as cantigas evidenciam a construção de significados acerca do comportamento sexual dos homossexuais na IM?

4 LEITURA, SELEÇÃO E CONCEPTUALIZAÇÕES: A HOMOSSEXUALIDADE ESCARNECIDA E AS CONCEPTUALIZAÇÕES

Para a realização de um estudo sobre o galego-português, podem ser usados textos tanto em prosa, como na poesia. Optou-se pela produção poética para a constituição do *corpus* do trabalho que ora se apresentam os resultados. Sobre essa produção, entre alguns textos escritos no período e que servem como registros históricos sobre o comportamento da sociedade medieval, localizam-se as cantigas de escárnio e maldizer. Tais produções, como dito anteriormente, são textos líricos que foram armazenados em três grandes cancioneiros.

Estes textos servem como objeto de estudos por se tratarem, também, de registros históricos da sociedade, comportamento e pensamento do homem medieval utilizando-se da língua galego-portuguesa. Nesse ponto, há concordância com Mattos e Silva (1988) sobre as cantigas trovadorescas galego-portuguesas serem um dos patrimônios acerca da baixa IM peninsular por se situarem, historicamente, nos primórdios da nacionalidade ibérica medieval. Dada a relevância das cantigas de escárnio e maldizer, elas foram selecionadas para compor o material deste estudo.

Contudo, conforme observa Almeida (2017, no prelo), é preciso adotar uma postura atenta durante a leitura dos textos medievais para que nosso entendimento dos fatos não seja comprometido, visto que há, nas cantigas medievais, certas distorções da realidade. Dessa forma, se a fonte de estudos for normativa e reguladora, estaremos diante da transgressão silenciada, "isto obviamente, porque toda regra é mais ou menos transgredida e porque, entre teoria e prática, há um vazio preenchido com comportamentos variados" (ALMEIDA, 2017, p. 9, no prelo).

Além do mais, sendo pesquisadores contemporâneos, estaremos ligados a outros contextos e possuímos outras percepções, por vezes, do mesmo universo, e esse fato pode se revelar outra armadilha na leitura, conforme afirma Almeida (2017, p. 10, no prelo)

o pesquisador dedicado, atualmente, ao estudo de textos medievais pertence a outro tempo, de maneira tal que a sua percepção não será equivalente a do tempo de escrita desses textos; assim sendo, deve-se ter em tento que, quando se estudam textos pretéritos, não se ficará imune ao tempo em que se vive.

Por isso, não se pretendeu, com este estudo, obter verdades únicas, antes,

apresentamos possibilidades, aproximações e leituras da nossa compreensão da conceptualização da homossexualidade presente nas cantigas de escárnio e maldizer.

4.1 ENTRE EDIÇÕES E EDIÇÕES: A ESCOLHA PELO PROJETO *LITTERA* E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* do presente estudo foi selecionado a partir do site *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas* (<http://www.cantigas.fesh.unl.pt>), do Projeto *Littera, edição, atualização e preservação do património literário medieval português*, organizado, entre 2007 e 2010, pela professora Graça Videira Lopes e equipe. O site apresenta, em sua totalidade, 1680 cantigas medievais galego-portuguesas obtidas através das edições dos cancioneiros remanescentes.

Na aba de apresentação do site, há uma descrição dos critérios acerca do trabalho realizado pela Universidade Nova de Lisboa, por exemplo: quais manuscritos foram usados para a produção; quais leituras foram tomadas como referências; os critérios ortográficos relacionados à atualização para a normalização ortográfica vigente; critérios referentes às músicas das cantigas galego-portuguesas e as imagens dos manuscritos.

4.1.1 Procedimentos metodológicos

O site *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas* fornece-nos, também, a possibilidade de seleção de cantigas a partir de uma barra de buscas. A partir dessa barra, selecionamos as cantigas através do marcador: *o motivo das cantigas*, escolheremos então as cantigas dispostas no subtema: *homossexualidade*. O site informou-nos da existência de 40 cantigas que versam sobre o assunto, atribuídas a 19 trovadores com o tema *homossexualidade*, conforme dispostos no quadro seguinte:

Quadro 1 – *Incipit* e autoria das cantigas constituintes dos *corpora*

Nº	CANTIGA	AUTORIA
1	<i>Mari'Mateu, ir-me quer'eu daquém</i>	Afonso Anes do Cotom

2	<i>O arrais de Roi Garcia</i>	Afonso Mendes de Besteiros
3	<i>Correola, sodes adeantado</i>	Airas Peres Vuitorom
4	<i>Dom Bernaldo, por que nom entendedes</i>	Airas Peres Vuitorom
5	<i>Dom Estêvam, tam de mal talam</i>	Airas Peres Vuitorom
6	<i>Dom Fernando, vejo-vos andar ledo</i>	Airas Peres Vuitorom
7	<i>Fernam Díaz, é aqui, como vistes</i>	Airas Peres Vuitorom
8	<i>Comprar quer'eu, Fernam Furado, muu</i>	Airas Veaz
9	<i>De Joam Bol'and'eu maravilhado</i>	D. Dinis
10	<i>Joam Bol'anda mal desbaratado</i>	D. Dinis
11	<i>Joam Bolo jouv'em ùa pousada</i>	D. Dinis
12	<i>Alvar Rodriguiz dá preço d'esforço</i>	Estêvão da Guarda
13	<i>Do que eu quigi, per sabedoria</i>	Estêvão da Guarda
14	<i>Rui Gonçálviz, pero vos agravece</i>	Estêvão da Guarda
15	<i>Um cavaleiro me diss'em baldom</i>	Estêvão da Guarda
16	<i>Fernam Diaz, fazem-vos entender</i>	Estêvão Faião
17	<i>Pero Fernándiz, home de barnage</i>	Gonçalo Anes do Vinhal
18	<i>Bernal Fendudo, quero-vos dizer</i>	João Baveca
19	<i>Dom Bernaldo, pesa-me que tragedes</i>	João Baveca
20	<i>Pero d'Ambroa, sodes maiordomo</i>	João Baveca
21	<i>Dona Ouroana, pois já besta havedes</i>	João Garcia de Guilhade
22	<i>Dom Estêvam, que Lhi nom agradece</i>	João Soares Coelho
23	<i>Quem diz de Dom 'Stêvam que nom vê bem</i>	João Soares Coelho
24	<i>Direi-vos ora que oí dizer</i>	João Vasques de Talaveira
25	<i>Dom Estêvam achei noutro dia</i>	Mem Rodrigues Tenoiro
26	<i>Dom Estêvam, oí por vós dizer</i>	Pedro Amigo de Sevilha

27	<i>Pediu hoj'um ric'home</i>	Pedro Amigo de Sevilha
28	<i>De [Dom] Fernam Diaz Estaturão</i>	Pero da Ponte
29	<i>Dom Bernaldo, pois tragedes</i>	Pero da Ponte
30	<i>Dom Tisso Pérez, queria hoj'eu</i>	Pero da Ponte
31	<i>Eu digo mal, com'home fodimalho</i>	Pero da Ponte
32	<i>Dom Fernando, pero mi maldigades</i>	Pero Garcia Burgalês
33	<i>Fernam Díaz, este que and'aqui</i>	Pero Garcia Burgalês
34	<i>Fernand'Escalho leixei mal doente</i>	Pero Garcia Burgalês
35	<i>Fernand'Escalho vi eu cantar bem</i>	Pero Garcia Burgalês
36	<i>Que muito mi de Fernam Diaz praz</i>	Pero Garcia Burgalês
37	<i>Vós, que por Pero Tinhoso preguntades, se queredes</i>	Pero Viviães
38	<i>Dom Estêvam, em grand'entençom</i>	Rui Queimado
39	<i>Dom Marco, vej'eu muito queixar</i>	Rui Queimado
40	<i>Vedes agora que mala ventura</i>	Vasco Peres Pardal

Fonte: Elaboração própria.

Essas cantigas foram lidas e, com o objetivo de constituir um *corpus* representativo, optou-se por utilizar cerca de 20% desses textos voltados para algum aspecto da relação sexual entre homens, por isso escolheremos as cantigas que tratam sobre a homossexualidade de um personagem, Fernan Diaz, a saber: os textos 7, 8, 16, 33, 35, 40, conforme enumerados na tabela acima. Para tanto, buscamos as conceptualizações por metonímia, esquemas imagéticos e metáforas. Acreditamos que o *corpus* do trabalho seja representativo para realizamos uma leitura aproximativa sobre parte do imaginário medievo sobre a homossexualidade, a partir dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, em sua vertente que se dispõem a estudar mais de perto o significado, a Semântica Cognitiva.

Para alcançar o objetivo de expor os resultados do estudo da conceptualização da homossexualidade em cantigas de escárnio e maldizer, seguem-se os seguintes passos:

1) Reprodução da cantiga: apresentamos as composições conforme edição proposta pelo Projeto *Littera*; quando necessário à análise, fazemos referências a outras edições, como

Lapa (1970) ou Lopes (1998); aludimos, também, a outros estudos que tenham se utilizado das mesmas cantigas;

2) Breve interpretação da cantiga: propomos ao final de cada cantiga apresentada uma possibilidade de leitura da mesma, com base em diferentes autores; configurando-se, dessa maneira, numa interpretação que considera aspectos sócio-históricos e ideológicos desses textos; sem romper com a fidelidade da fonte;

3) Conceptualizações: em sequência, comentamos as conceptualizações encontradas, os mecanismos utilizados nas cantigas e os modelos cognitivos idealizados apresentados.

4.2 A HOMOSSEXUALIDADE ESCARNECIDA: AS TEIAS CONSTITUTIVAS DO ESTUDO

As cantigas eleitas para a amostragem possibilitaram que a leitura da conceptualização da relação entre homens na Idade Média fosse realizada sob três óticas: a homossexualidade como causadora de enfermidades, nas cantigas de Pero Garcia Buralês, Airas Veaz e Vasco Peres Pardal; a homossexualidade e o seu lugar no modelo cognitivo idealizado do casamento, nas cantigas de Airas Peres Vuitorom e Estêvão Faião; o corpo no ato homossexual, numa cantiga de Pero Garcia de Buralês.

4.2.1 A homossexualidade como causadora de enfermidades

A primeira cantiga arrolada neste subconjunto pertence a Pero Garcia Buralês. De acordo com a biografia contida no Projeto *Littera*, Pero Garcia de Buralês era um trovador ou jogral castelhano, natural de Burgos e integrou a corte de Afonso X. A cantiga que dele destacamos para essa análise está localizada no Cancioneiro da Biblioteca Nacional, sob o número 1377, tendo sido editada, também, por Lapa (1970). E diz o seguinte:

Fernand'Escalho vi eu cantar bem,
que poucos outros vi cantar melhor;
e vi-lhe sempre, mentre foi pastor,
mui boa voz, e vi-o cantar bem;
mais ar direi-vos per que o perdeu:

houve sabor de foder, e fodeu
e perdeu todo o cantar por en.

No se guardou de foder, e mal sem
fez el, que nom poderia peor;
e ham-lh'as gentes por en desamor,
per bõa voz que perdeu com mal sem,
voz de cabeça, que xi lhi tolheu
ca fodeu tanto que lh'enrouqueceu
a voz, e ora já nom canta bem.

E a Dom Fernando conteceuassi:
de mui bõa voz que soía haver
soube-a per avoleza perder,
ca fodeu moç'enom canta já assi;
ar fodeu pois mui grand'escudeirom,
e ficou ora, se Deus mi perdom,
com a peor voz que nunca oí.

E ora ajuda mui grand'infançom
s'i quer foder, que nunca foi sazom
que mais quisesse foder, poilo eu vi.

A cantiga informa-nos sobre Fernand'Escalho e sua capacidade de cantar bem, porém essa capacidade se perdeu por conta das relações sexuais praticadas (*houve sabor de foder, e fodeu, e perdeu todo o cantar por en*). Dom Fernando pelo que nos informa a segunda estrofe, a fazer sexo e, por isso, perdeu a voz de cabeça. Ele perdeu a voz por conta da “baixeza cometida”: teve relações sexuais com moço e já não canta tão bem. Praticou sexo com um grande escudeirão e ficou com a pior voz que já se ouviu. Foi então uma época em que mais quis praticar sexo e praticou, ajudando um grande cavaleiro nobre.

O trovador conceptualizador utiliza do mecanismo metonímico de conceptualização da perda por meio da hipérbole (*perdeu todo o cantar por en*), tal fato origina-se a partir do modelo cognitivo idealizado do canto, no qual se compreende, em geral, como boa voz, o canto produzido de maneira harmoniosa e suave. Esse tipo de habilidade é conhecida como voz de cabeça. Assim, na segunda estrofe, o trovador, por meio da metonímia PARTE PELO TODO, traz a informação de que Fernand'Escalho perdeu a possibilidade de fazer “voz de cabeça”, ou seja, sons agudos, e ficou rouco de tanto foder (*lh'enrouqueceu a voz, e ora já nom canta bem*). Dessa maneira, entende-se que, devido à realização do ato sexual, perdeu a capacidade de produzir a voz considerada mais adequada para o canto e esse destino lhe ocorreu em razão da prática contínua do sexo.

A cantiga apresenta também, a conceptualização metafórica do sexo como algo

negativo, a partir da metáfora conceptual FAZER SEXO É ESTRAGAR-SE, associada à metáfora conceptual FAZER SEXO É PERDER. Assim como ocorre em outras conceptualizações, a relação sexual foi estruturada a partir do modelo cognitivo idealizado da relação de perda/ganho (*Mais ar direi-vos per que o perdeu: / Houve sabor de foder, e fodeu / E perdeu todo o cantar por en*). Todavia, apenas um dos domínios da experiência do MCI foi utilizado na conceptualização, a perda; houve utilização, mais uma vez, do mecanismo metonímico PARTE PELO TODO, no qual a relação sexual foi compreendida apenas com um dos domínios da experiência humana.

Enquanto era jovem e não praticava sexo, Fernand'Escalho possuía boa voz, porém o ato sexual lhe causou uma perda e essa foi apresentada na cantiga a partir da associação com duas metáforas orientacionais NEGATIVO É PARA BAIXO e MENOS É PARA BAIXO. Logo, aquilo que foi categorizado como algo danoso (o sexo contínuo) foi conceptualizado como algo negativo, significando ou acarretando em perda, privação, derrota, diminuição.

Há, também, a metáfora do CORPO HUMANO É RECIPIENTE (*e vi-lhe sempre, mentre foi pastor, mui boa voz, e vi-o cantar bem*). Nessa conceptualização metafórica, entende-se que, dentro do corpo humano, estão localizadas as nossas capacidade físicas, sensoriais e psicomotoras; ao praticar sexo, uma dessas capacidades (*a boa voz*) se perdeu (*perdeu todo o cantar por en*). Essa relação com o corpo humano se dá através do esquema imagético DENTRO-FORA: a voz que saía de dentro de Fernad'Escalho já não existe mais.

A terceira estrofe inicia-se com a explicação ou motivos que o levaram a perder a boa voz (*E a Dom Fernando conteceu assi*). Os motivos pelos quais Dom Fernando ficou com a voz enrouquecida seriam relacionados ao ato sexual. O trovador aponta para o fato de Fernando ter fodido moço (*ca fodeu moç'e no canta já assi*), tal expressão (*fodeu moç'e no canta já assi*) deixa uma ambiguidade gerada pela posição do sintagma nominal com relação ao verbo. Essa conceptualização é demonstrada pela ambiguidade, no qual o conceptualizador se utiliza dos conhecimentos enciclopédicos sobre o uso da língua para estabelecer um jogo de palavras entre o emprego de *moç'e* como objeto direto ou adjunto adverbial, pois podia Fernand'Escalho ter feito sexo quando era moço ou ter mantido relação sexual com um moço. A conceptualização ainda é reforçada na cantiga quando não é possível delimitar com certeza se Dom Fernando *fodeu* depois de se tornar escudeiro ou com um grande escudeiro (*ar fodeu pois mui grand'escudeirom*).

Há, entretanto, na última estrofe da cantiga, uma pista que possibilita e ratifica a

leitura de que essas e outras situações¹⁷ se atrelavam à relação homossexual da qual fazia parte Fernando, pois o mesmo, também, ajudava um *mui grand'infançon s'i quer foder*.

Percebe-se, com a interpretação da cantiga, que o ato sexual entre homens era concebido como o motivo de doenças, sejam aquelas ligadas diretamente ao órgão sexual, como também, ao desempenho físico, no caso, a voz que Fernand'Escalho perdeu, depois de tanto praticar sexo com outros homens.

Tal pensamento encontra base histórica, quando analisamos a concepção da prática sexual na Idade Média. Conforme aponta Jeffrey Richards (1993), a prática sexual deveria ter como finalidade a procriação da espécie e o prazer carnal deveria ser evitado. Logo, a relação sexual que não tivesse a finalidade da procriação seria considerada antinatural e causadora de doenças, conforme aponta Cabanes Jiménez no artigo *Enfermedades de índole sexual en las cantigas de escarnio y maldizer* (2006) quando diz que

[...] las practicas sexuales que aparecen en las cantigas de escarnio podrían haber sido consideradas por muchos sectores como “antinaturales”, ya que no tenían por término la concepción. Por otra parte, observamos que, en un gran número de casos, dichas relaciones se asocian a la enfermedad venérea. (CABANES JIMÉNEZ, 2006, p. 7)¹⁸

Portanto, a metáfora FAZER SEXO (HOMOSSEXUAL/HETERO SEM FINALIDADE DE PROcriação) É DANAR-SE (É MOTIVO DE DOENÇA) está na base da conceptualização apresentada na cantiga. Os conhecimentos enciclopédicos sobre as doenças e os malefícios que estas traziam, também, são ativados no ato de conceptualizar a relação sexual. Não se trata de qualquer envolvimento sexual, antes, é possível inferir, por meio da leitura da ambiguidade estabelecida na cantiga, que a relação da qual se trata é entre Fernand'Escalho e outros homens. Dessa forma, nas cantigas, é apresentada a associação entre domínios conceituais distintos (relação homossexual e doenças), tal associação entre domínios diversos é possibilitada a partir da “racionalidade imaginativa” que é a metáfora.

Na cantiga em destaque, observa-se, ainda, que os esquemas imagéticos estão na base da experiência corpórea humana. Fernand'Escalho, no primeiro momento do seu ciclo de vida, quando era jovem, cantava bem (*E vi-lhe sempre, mentre foi pastor / mui boa voz, e vi-o*

¹⁷ Outra cantiga de Pero Garcia de Burgalhês, *Fernand'Escalho leixei mal doente*, também aborda a alegada homossexualidade de Fernand'Escalho associado-a a doenças venéreas. Esta pode ser encontrada a partir do seguinte link: (<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1407&pv=sim>), acesso em: 25 de março de 2017.

¹⁸ [...] as práticas sexuais que aparecem nas cantigas de escárnio poderiam ter sido consideradas por muitos setores como “antinaturais”, já que no tinham por finalidade a concepção. Por outra parte, observamos que, em um grande número de casos, as ditas relações se associam à enfermidade venérea. (CABANES JIMÉNEZ, 2006, tradução nossa)

cantar bem;), ao ter relações sexuais, perdeu sua capacidade de cantar. Dando seguimento ao seu ciclo de vida, continuou a ter relações (*Non se guardou de foder*) e, ao ter relação sexual enquanto jovem, já não apresentava a mesma voz; ao prosseguir mantendo relações sexuais e com outros homens, ficou com a voz ainda mais danificada (*Ca fodeu moç'e nom canta já assi; / Ar fodeu pois mui grand'escudeirom / E ficou ora, se Deus mi perdom, / Com a peor voz que nunca oi*). A partir dessa leitura, é possível observar a presença do esquema imagético do ciclo ou existência (CROFT; CRUISE, 2004) no qual são previstos as noções de ciclo ou processo. O trovador conceptualiza a atividade sexual de Fernad'Escalho através do tempo em que o mesmo pratica sexo e, nesse ciclo, sua derrocada corporal chega até o pior estágio considerado pelo trovador (*peior voz que nunca oi*).

A próxima cantiga desse primeiro conjunto é do trovador Airas Veaz. Sobre sua origem, encontramos no Projeto *Littera*, que o mesmo é de origem portuguesa, frequentador da corte de Afonso X. A cantiga selecionada para análise, diz respeito à Fernan Furado, mas, conforme edição de Lopes (2011), essa poderá ser uma alcunha para Fernan Diaz. Vejamos o que traz a cantiga:

Comprar quer'eu, Fernan Furado, muu
que vi andar mui gordo no mercado,
mais trage já o alvaraz ficado,
Fernán Furado, no olho do cuu;
e anda bem, pero que fere d'unha,
e dize[m]-me que trage ùa espunha,
Fernan Furado, no olho do cuu.

E, Don Fernan Furado, daquel muu
creede bem que era eu pagado,
se nom que tem o alvaraz ficado,
Fernan Furado, no olho do cuu;
é caçurro, e vejo que rabeja
e tem espunha de carne sobeja,
Fernan Furado, no olho do cuu.

Mais uma vez, a cantiga é dedicada a um tal de Fernan; dessa vez, chamando de Furado, e é composta por duas estrofes. Na primeira estrofe, um personagem se interessa pelo mulo e quer comprá-lo (*Comprar quer'eu, Fernan Furado, muu / que vi andar mui gordo no mercado;*), porém a compra não se pode realizar e o problema estava atrelado ao tumor esponjoso que o mulo carregava (*mais trage já o alvaraz ficado*). Até tal ponto da leitura, não se poderia afirmar que há, na cantiga, alusão à relação sexual, porém, no restante da composição, há a intercalação do vocativo (*Fernan Furado*), seguido pela expressão adverbial (*no olho do cuu*) que dá espaço para a conceptualização do SEXO como causa de DOENÇAS.

Nessa cantiga, apresenta-se a conceptualização metafórica da homossexualidade como causa de doenças venéreas. Como dito anteriormente, o sexo deveria ser destinado à reprodução, quando não era esse o objetivo, os resultados eram castigos ou punições, como, as doenças venéreas.

A primeira interpretação que pode ser feita é que Fernan Furado seria o próprio mulo que possui o tumor ou verruga esponjosa no ânus (*alvaraz ficado [...] no olho do cuu*); essa conceptualização é possível dada a recorrência, em outras cantigas, da metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL¹⁹.

Outra possibilidade de leitura que ratifica a interpretação da alusão à homossexualidade de Fernan, diz respeito à escolha do animal *muu* para a cantiga. No Bluteau (1712, p. 614), encontramos a definição para mulo como animal quadrúpede gerado da relação entre o cavalo e a burra, ou burro e a égua, porém esse animal, diferente dos seus genitores, "não gera [filhotes] como nem tam pouco a Mula; propriedade dos animaes gerados de outros diferentes especies, com são alguns monstros". A nota geral aplicada à cantiga no Projeto Littera, informa que, para se compreender o equívoco presente na cantiga, é preciso ter em atenção de que o termo mu (mulo) "significava, em gíria, amante (um valor semelhante ao actual "bicha", em Portugal, ou "veado", no Brasil)"; dessa maneira, é possível interpretar na cantiga que Fernan Furado seria um homossexual que possuía uma doença venérea, resultante das relações sexuais praticadas. Essa leitura é feita, também, por Cabanes Jiménez (2006) que, focando nas enfermidades presentes nas cantigas, afirma que

Centrándonos en la enfermedad, podemos decir que con el término alvaraz, de origen árabe, se denominaba, en la Edad Media, a un tumor producido por una especie de lepra. En cuanto al vocablo ficado, viene del ficus latino. Se trata de verrugas blandas de origen viral susceptibles de alcanzar dimensiones voluminosas. Se localizaban en el ano o en los órganos genitales. Este tipo de dolencias eran frecuentes en los homosexuales pasivos. Esto nos lleva a deducir que el autor califica, implícitamente, a Fernán Furado de homosexual. (CABANES JIMÉNEZ, 2006, p. 9-10).²⁰

A interpretação de Cabanes Jiménez encontra apoio nas leituras feitas por Grmek

¹⁹ Almeida (2014), num estudo apresentado durante o XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL, 2014), observa que há recorrência em outros textos da metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL com a qual são atribuídos comportamentos de animais, ditos como irracionais, aos seres humanos.

²⁰ Centrando-nos na enfermidade, podemos dizer que, com o termo *alvaraz*, de origem árabe, se denominava, na Idade Média, um tumor produzido por uma espécie de lepra. Enquanto que o vocábulo ficado, vem de *ficus* latino. Se trata de verrugas brandas de origem viral suscetíveis de alcançar dimensões volumosas. Se localizavam no ânus ou nos órgãos genitais. Este tipo de doenças eram frequentes nos homossexuais passivos. Isto nos leva a deduzir que o autor qualifica, implícitamente, a Fernán Furado como homossexual. (CABANES JIMÉNEZ, 2006, tradução nossa).

(1983) e com bases nessas leituras, podemos salientar outra perspectiva da conceptualização da homossexualidade do personagem objeto da composição: o aspecto da passividade na relação com homens. As pistas dessa conceptualização estão localizadas na escolha da alcunha para Fernan, chamado na cantiga de Furado, e no uso do verbo *rabejar* na segunda estrofe.

Quanto ao uso da alcunha Fernan Furado, Silva (2010, p. 61), em sua dissertação de mestrado, aponta que

o sobrenome furado pode ser uma derivação imprópria a partir do participípio do verbo "furar", sendo, talvez, um apelido dado ao mercador. A palavra era também usada nas cantigas para fazer alusão às partes genitais. Aqui, podemos sugerir que o termo furado, seja significativo do resultado das práticas homossexuais passivas. (SILVA, 2010, p. 61).

Se considerarmos que a alcunha Furado seja derivada da relação existente entre o ânus e o sexo entre homens, estaremos diante de uma metonímia que envolve o papel sexual desempenhado pelo sujeito que o desempenha. Nas relações sexuais entre homens, observa-se que há, pelo menos, três papéis distintos a serem desempenhados: o ativo (o homem que penetra o outro), passivo (aquele que é penetrado por outrem) e o versátil (aquele que pode assumir ambas as posições anteriores) (SIMÕES NETO, 2015). Nas cantigas, vemos que o escárnio se volta àquele que é penetrado, ou seja, o passivo. Na conceptualização metafórica do sexo como atividade ou ação, delimitam-se papéis distintos para os participantes dessa ação. Nomear *Fernan* com o sobrenome *Furado* indica um processo de metonímia, partindo da conceptualização metafórica do SEXO como ATIVIDADE, combinada a outras metáforas como ÂNUS É RECIPIENTE e PÊNIS É OBJETO PERFURANTE. Sendo *Fernan Furado* o passivo de uma relação, ele teria seu recipiente furado ou preenchido pela ação de um sujeito (ou sujeitos) agente(s), penetrador(es).

Observa-se, ainda, que, na cantiga, ocorre um ajuste focal no ato sexual que recobre apenas a ação do passivo no ato sexual. Na antiguidade, conforme salienta Foucault (1997), as relações entre pessoas do mesmo sexo aconteciam e não eram discriminadas, a não ser em se tratando do passivo da relação (a menos que fosse um jovem em processo de iniciação de vida adulta). Conforme Spencer (1996), o homem que fosse penetrado era abominado, pois o mesmo perdia a sua masculinidade ao se submeter a outro. Na cantiga, Fernan foi escarnecido exatamente por ser passivo, ser penetrado, logo, nomeado de furado num processo metonímico. Chamar Fernan de Furado pode revelar, então, a existência do processo metonímico de AÇÃO SEXUAL PASSIVA POR INDIVÍDUO, resultante da

conceptualização metafórica ÂNUS É RECEPIENTE e PÊNIS É OBJETO PENETRANTE.

Basílio (2011), sobre a formação de palavras por metonímia, explica que

A designação de indivíduos em termos de papéis sociais abarca também o que poderíamos chamar de “nomes de paciente” ou “nomes de afetado”, em que se designa um indivíduo como paciente ou afetado pelo ato verbal, através da metonímia Vitimação por Indivíduo, no sentido de que o ponto de referência para a denotação do indivíduo é o ato que o vitima ou estigmatiza, como nos exemplos abaixo: (6) acusado, indiciado, outorgado, flagelado, desalojado, preso, intimado, desempregado, oprimido. (BASÍLIO, 2011, p. 12).

Na segunda estrofe, o trovador acrescenta mais detalhes sobre o comportamento do mulo/sujeito, por exemplo, o fato dele rabejar. No Bluteau (1712, p. 81), encontramos para rabejar a seguinte acepção: “bolir muito com o rabo, como fazem alguns cavalos e outros animais”. Na metáfora SER HUMANO É ANIMAL, algumas características do mundo animal são projetadas em favor das características humanas. A interpretação de que, na cantiga, Fernan Furado é retratado como mulo é reforçada se pensarmos que o modo de andar do mulo, movendo a parte traseira do corpo alternadamente de um lado para o outro, é considerada, no modelo cognitivo idealizado dos animais e do comportamento humano, um andar rebotativo, sensual. E esse andar, característico do MCI do comportamento feminino, atrelado ao comportamento de Fernan, enquanto homem que praticava sexo anal com outros homens, era motivo para ser escarnecido ou ironizado.

Percebe-se com a interpretação geral da cantiga que o Modelo Cognitivo Idealizado da masculinidade na Idade Média não correspondia às ações que Fernan praticava. Observa-se o esquema imagético do BLOQUEIO na ação do trovador: ele queria comprar o mulo, mas o tumor no ânus inviabilizava a compra (*mais trageja o alvaraz ficado*). Esse EI se relaciona com as expectativas relacionadas ao MCI masculino no medievo. Conforme salienta Souza (2011, p. 118), “no medievo, [...] qualquer homem que assimilasse signos que identificassem a feminilidade provocava logo motivo para chufas entre diversos trovadores, que viam incoerência na associação sexo masculino e construção social feminina.” Esses signos poderiam estar ligados a questões físicas ou comportamentais e, assemelhando-se o homem à mulher ou ao feminino, seria esse fato usado como motivo de escárnio nas cantigas (RICHARDS, 1993).

Em toda a cantiga sobre Fernan Furado, há a conceptualização negativa do sexo homossexual. Primeiramente, é relacionado o sexo homossexual às doenças venéreas, em seguida, essa conceptualização é ratificada pela repetição em cada estrofe do verso solto

Fernan Furado, no olho do cuu; o trovador conceptualizador ainda escarnece dando uma descrição do *alvaraz ficado* como *esponjoso*. Apresenta-se, então, a conceptualização da homossexualidade como atividade ou ação que traria malefícios aos que a praticassem por meio da metáfora FAZER SEXO É ADOECER.

A próxima cantiga desse grupo, também, aborda o universo das doenças e da homossexualidade. É uma cantiga de Vasco Peres Pardal que, segundo os dados da edição de Lopes (2011), era um trovador, provavelmente, de origem portuguesa. Sua cantiga aborda um equívoco médico que pode ser lido como sátira à homossexualidade de Fernan Diaz, mais uma vez, chamado de Dom Fernando:

Vedes agora que mala ventura
de Dom Fernando, que nom pod'haver
físico que lh'ora possa tolher
aqueste mal que há de caentura;
pero dizem os físicos atal:
que o guarria mui bem deste mal
quem lh'o corpo metess[e] a ventura

E deste mal sempr[e] é mui coitado,
e nom guarrá já del, se nom houver
home que lhi dê quanto lh' é mester;
mais aquesto tem el mui desguisado:
ca, pero muitos físicos há 'qui,
se lh'o corpo nom aventuram i,
nom guarrá já, cá jaz desacordado.

E pesa-m'ende, par Santa Maria,
deste seu mal, ca mi dizem que nom
pode guarir, se maestre Simiom
o nom guarisse; mais vos em diria:
já lhi nom pode nulha rem prestar,
se lh'o mestre nom aventurar
o corpo, ca x'há mui gram maloutia.

A cantiga é formada por três estrofes; nelas, encontramos a história sobre Dom Fernando e sua má sorte em ter uma doença que, aparentemente, causa-lhe febre e dela os médicos não conseguem lhe curar. No final da primeira estrofe, somos informados de que os médicos dizem que, para curar Dom Fernando, será necessário lhe meter o corpo à ventura, ou seja, aos ventos (*Que o guarria mui bem deste mal / Quem lh'o corpo metess[e] a ventura*). Na segunda estrofe, é abordado o fato de que Dom Fernando não se pode curar por não haver homem que lhe dê o quanto é necessário para se curar, por outro lado, há muitos médicos no lugar, porém nenhum deles se arriscar em curá-lo. A última estrofe é dedicada à descrição da

situação por qual passa Dom Fernando, ele não poderá ser curado pelo Mestre Simion, pois, no seu corpo, encontra-se uma grande moléstia.

Diferentemente das demais cantigas analisadas neste estudo, o autor conceptualizador faz uso da ironia como a base para a conceptualização da homossexualidade. Observa-se que o domínio-fonte DOENÇA está presente nessa cantiga, assim como o domínio-alvo HOMOSSEXUALIDADE. Essa projeção utiliza do recurso da ironia, como modo de conceptualizar o indivíduo ou suas experiências.

Na cantiga, o fato de não haver físico que possa curar Dom Fernando é tratado com ironia, pois, na verdade, havia ali vários médicos, porém o mal do qual Dom Fernando sofre é o “mal da homossexualidade”. Assim, novamente, destacamos a conceptualização: HOMOSSEXUALIDADE É DOENÇA. Observa-se que, ao final da primeira estrofe, não há referência exata e exposta à homossexualidade, porém a fala atrelada ao corpo médico (*Que o guarria mui bem deste mal / Quem lh'o corpo metess[e] a ventura*) deixa em aberto a possibilidade desenvolvida nas próximas estrofes, sobre se tratar de um escárnio devido à homossexualidade.

Observa-se, também, que a moléstia associada à condição de Dom Fernando, produz nele um calor (*Aqueste mal que há de caentura*). Logo, associamos as experiências físico-corporais que sentimos com as reações do corpo no ato sexual, seja a própria prática como o desejo, assim, o batimento cardíaco acelera-se, a pressão eleva-se e a temperatura tende a subir; dessa maneira, são associadas as reações físicas de Dom Fernando em estado de doença à sua sexualidade. Elaborando, dessa forma, a metáfora HOMOSSEXUAL É DOENTE / SEXO É CURA, visto que a solução seria algum *médico lh'o corpo metess[e] a ventura*.

Na segunda estrofe, é desenvolvida a conceptualização demonstrada a partir da ironia. Dom Fernando já aparenta rasgos dessa doença que carrega há algum tempo, porém não se pode curar, porque “não há homem que lhe dê tanto quando ele precisa para ser curado”, ou seja, o SEXO É CURA aparece, nesse ponto da cantiga, como atividade que traria um benefício ao escarnecido. Há ironia por se tratar de uma relação sexual socialmente proibida. Neste caso, ter desejo pelo sexo entre homens causou a doença que se curaria se o sexo fosse consumado.

Ainda no segundo parágrafo, é apresentado o fato de terem vários médicos na região, porém esses médicos não querem e não *seaventuram ir* ao corpo do Dom Fernando para curá-lo (*pero muitos físicos há 'qui, / se lh'o corpo nom aventuram i*). Há, claramente, uma rejeição reiterada do comportamento sexual de Dom Fernando. O homossexual é um doente, pelo que pratica e não deverá receber seu tratamento (sexo). Seria o sexo entre homens uma doença

contagiosa, a ponto dos médicos não desejarem ter contato com o homossexual?

Reitera-se, na terceira estrofe, a conceptualização por metáfora do homossexual como doente quando é dito que Dom Fernando não pode se curar desse mal. A conceptualização negativa é frisada com a presença de Mestre Simon que não pode fazer mais nada. O destino do homossexual é fadado a permanecer doente afinal *cax'há mui gram maloutia*.

4.2.2 A homossexualidade e o seu lugar no modelo cognitivo idealizado do casamento

A primeira cantiga que compõe esse grupo é de autoria de Airas Peres Vuitorom, trovador que, de forma geral, aborda, em seus textos, o contexto da guerra civil portuguesa; possui, provavelmente, origem galega. A composição selecionada trata do desejo de Fernam Diaz de se casar, porém, como em todos os exemplos que se seguem, as questões relacionadas à homossexualidade deste personagem acha-se em volta da cantiga. Nas duas composições analisadas nesse subconjunto, veremos o modelo cognitivo idealizado do casamento e o papel da homossexualidade nesse modelo. A seguir, a primeira cantiga desse conjunto:

Fernam Díaz é aqui, como vistes,
e anda em preito de se casar;
mais nom pod'ó casamento chegar
- d'home o sei eu, que sabe com[o] é;
e por haver casament', a la fé,
d'home nunca vós tam gram coita vistes.

E por end'anda vestid'e loução
e diz que morre por outra molher;
mais este casamento que el quer
d'home o sei eu que lho nom daram;
e por este casamento [d]el, de pram,
d'home atal coita nunca viu cristão.

Ca d'Estorga até Sam Fagundo
don'há que há de Dom Fernando torto,
ca por outro casamento anda morto
d'home o sei eu, que o sabe já;
e se este casament'el nom há
d'hom'atal coita nunca foi no mundo.

Na cantiga de Airas Peres, temos em cena Fernan Diaz que se encontra ansioso para

obter um casamento²¹ (*Fernam Díaz é aqui, como vistes, /e anda em preito de se casar*). Na segunda estrofe, o trovador conceptualizador afirma que o desejo de casar é grande e, por isso o mesmo, anda Fernan Diaz muito arrumado e diz que morre (de amores) por uma mulher. Porém o matrimônio que ele busca é um casamento com homem, não havendo nenhum cristão visto esse tipo de enlace. A terceira estrofe reitera essa afirmação, dizendo ainda que há donas que tem queixas ou reclamações contra Fernan Díaz (*don'há que há de Dom Fernando torto*).

O escarnecer dessa cantiga centra-se exatamente no jogo sintático entre as palavras casamento de homem (*casament [...] d'home*) sempre intercalado de outra informação e deixando ambiguidade na sentença sobre as reclamações das donas, pois poderiam indicar reclamações sobre o fato de Dom Fernan morrer (numa hipérbole para desejar com muita vontade) por outro casamento, podendo ser esse matrimônio o que elas já têm ou o casamento de Dom Fernan com outro homem. De qualquer modo, em qualquer uma das leituras, temos então o fato da impossibilidade de Fernan Diaz se casar como fator motivador da ironia na cantiga.

Essa conceptualização remota ao que Lakoff (1987) desenvolveu como conceito de Modelo Cognitivo Idealizado. Esse modelo foi definido nesse estudo como um conjunto de estrutura de domínio que engloba diversos conhecimentos armazenados na memória e organizados através da experiência humana. A definição de MCI pode ser combinada com a ideia de *sistema simbólico* utilizada por Bordieu (1989), para tratar de aspectos da sociologia ligados à construção de conhecimento do mundo, e utilizada por Le Goff (1993), para dá conta do conjunto de elementos estruturados e estruturantes que formam os sistemas simbólicos que elaboraram a vida na IM. Na cantiga em questão, vemos aspectos relativos ao MCI ou *sistema simbólico* do matrimônio na idade média.

Segundo confirmam Duby e Perrot (1990), o casamento na IM era delimitado sob algumas regras gerais e sociais que o estruturavam, como: os pais deveriam escolher a esposa com a qual o filho se casaria; assim como, sendo a família da noiva dona de propriedades, seria essa família que escolheria o esposo para a noiva. A união entre homens e mulheres, na IM, segundo salienta Duby e Perrot (1990), estaria ligado à manutenção dos bens familiares e deveria dar continuidade à linhagem, por isso, passou-se a privilegiar a fertilidade como

²¹ Consideramos que o casamento do qual Fernan Diaz gostaria de fazer parte não corresponde à união pesquisada pelo teólogo Pável Florensky (1994) e nomeada como *adelfopoiesis*, pois a mesma não tinha relação com amor erótico, correspondia a um união entre dois homens por meio da qual criava-se um elo como irmãos, alguns estudos apontam que algumas dessas uniões tinham por prática esconder uma relação homossexual. Para maiores esclarecimentos, pode-se ler: *The Pillar and Ground of the Truth: An Essay in Orthodox Theodicy in Twelve Letters* (tradução: O Pilar e o Fundamento da Verdade. Ensaio sobre a Teodiceia Ortodoxa em Doze Cartas), de Florensky, 1994.

requisito na escolha dos cônjuges. Não podendo o casamento entre homem(s) gerar filhos, qual a finalidade dele na Idade Média? Possivelmente, por isso, era Dom Fernan ironizado.

Ainda de acordo com Macedo (2002), o matrimônio, a partir do século XII, passa a ser um dos modos da Igreja obter controle social, por isso, adotou-se a celebração como uma cerimônia pública que envolvia a igreja e as famílias no enlace matrimonial que ligava suas vidas e bens com a benção do padre.

Observa-se que não necessariamente, poderia Dom Fernan querer casar com homem, visto que saberia ele a impossibilidade disso acontecer tendo em vista o modelo cognitivo idealizado de casamento que se tinha naquele período, porém, ao escarnecer de Dom Fernan, o conceptualizador trovador ateu-se, novamente, à metáfora HOMOSSEXUALIDADE É PARA BAIXO / MENOS. Enquanto, a HETEROSSEXUALIDADE É PARA CIMA / POSITIVO. Pois, por meio da relação heterossexual, seria possível obter o matrimônio desejado, enquanto à relação homossexual essa opção era negada.

Outra cantiga que volta a tratar de questões matrimoniais ligadas à Fernan Diaz é a cantiga de Estevão Faião (*Fernam Diaz, fazem-vos entender*).

A segunda cantiga desse grupo é de autoria de Estêvão Faião. As informações biográficas sobre o mesmo seguem fragmentadas, mas pelas leituras das suas composições, percebe-se que, possivelmente, era um cavaleiro de pequena ou média nobreza, segundo Lopes (2011). Mais uma vez, é satirizado o alegado casamento de Fernan Diaz:

Rubrica:

Stêvam Faiam fez esta cantiga d'escarnh'e de maldizer. E diz assi:

Fernam Diaz, fazem-vos entender
 que casaríades desta dona bem;
 e nós teemos que vos é mal sem,
 per quant'est o que vos quero dizer:
 porque a dona é de terra tal,
 Dom Fernando, que per bem nem per mal
 nom poderedes i um hom'haver.

Ante faredes i vosso prazer
 em quererdes com tal dona casar,
 Fernam Dias! Ca é de [tal] logar
 que nom poderedes, per nêum poder,
 haver nulh'home; ca as gentes som
 de tal natura, se Deus mi perdom,
 que nom querram i su vós guarecer.
 E sei, Dom Fernando, per quant'aprendi,
 nom poderedes esta dona haver,
 ca seus vassalos, com'ouço dizer,

nom querem hom'estranho sobre si:
 ca dizem que sabedes lousinhar
 home deant'e sabedes buscar
 gram mal detrás a muitos, com'oi.

Na primeira e segunda estrofes, o trovador alerta Dom Fernando que seu casamento com uma certa dona não é sensato, pois ela tem origem numa determinada localidade que não haveria disponível homens para o serviço de Dom Fernan (*a dona é de terra tal, / Dom Fernando, que per bem nem per mal / nom poderedes i um hom'haver.*). Continua a cantiga afirmando que não há possibilidade dos vassalos desta senhora se colocarem por debaixo das ordens de Dom Fernando, mesmo ele estando casado com essa *dona*.

O escarnecer, nessa cantiga, restringe-se ao fato do duplo sentido no uso de expressões como *nom poderedes i um hom'haver* que teria um significado duplo com sentido de ter empregados ao seu dispor ou não ter relações sexuais com esses homens. Na continuidade da cantiga, registra-se, também, a expressão *que nom querram i su vós guarecer*, sugerindo duas possibilidades de leitura: os homens da futura esposa de Dom Fernando não obedeceriam a ele ou esses homens não se deixariam ser penetrados por Dom Fernando. Acompanha, da mesma forma, a ironia na cantiga o uso do duplo sentido da expressão *sabedes lousinhar home deant' e*, podendo significar que Dom Fernan lisonjeava outros homens, vassalos, talvez, em troca de sexo.

Nessa cantiga, como na anterior, o domínio cognitivo do casamento é o centro da questão. Observa-se que, segundo a conceptualização do trovador, o sentido do matrimônio é desvirtuado por Dom Fernando. O mesmo não pretende contrair matrimônio em busca da continuidade da linhagem ou dos bens, antes, seu objetivo estava associado a praticar relações sexuais com os vassalos de sua esposa.

Há novamente a conceptualização negativa da relação homossexual que influencia Dom Fernando a estreitar laços matrimoniais em busca de sexo, atitude classificada como insensata pelo trovador que pelo uso da terceira pessoa do plural expõe um pensamento coletivo acerca da situação (*casaríades desta dona bem;/ e nós teemos que vos é mal sem*).

4.2.3 O corpo no ato homossexual

Este terceiro subconjunto é formado por uma composição de Pero Garcia Buralês.

Dessa vez, observamos a cantiga que aborda uma viagem ao Norte, onde Fernam Diaz tinha como objetivo prender uma pedra preciosa no castão da sua bengala. Há um jogo de palavras que possibilitam a leitura acerca da homossexualidade do personagem:

Fernam Díaz, este que and'aqui,
foi ãa vez daqui a Ultramar,
e quanto bom maestre pôd'achar
de castoar pedras, per quant'oi,
tôdolos foi provar o pecador;
e pero nunca achou castoador
que lh'o olho soubess'encastoar.

E pero mui bõo maestr'achou i,
qual no mund'outro nompod'en saber,
de castoar pedras e de fazer
mui bom lavor de castomoutrossi;
pero lh'o olho amesurou entom,
tam estreito lhi fez end'o castom
que lhi nom pôd'i o olho caber.

E a Dom Fernando conteceu-lh'assi
d'um maestre que com el baratou:
cambou-lh'o olho que daqui levou
e disse-lhi que era de safi,
destes maos contrafeitos del Poi;
e meteu-lhi um grand'olho de boi,
aquele maior que el no mund'achou.

Olho de cabra lhi quis i meter,
e nom lhi pôde no castom fazer;
e com seu olho de boi xi ficou.

A cantiga explora o descolamento de Fernam Diaz à região Ultramar, para encontrar um mestre em encastoar, ou seja, colocar sobre a ponta do castão ou parte superior da bengala, uma pedra preciosa. Ocorre que, por mais que buscasse, não havia Fernam Diaz encontrado um bom mestre em encastoar na região, indo, por isso, à Ultramar. Lá achou o mestre, porém, por ser muito estreito com relação ao olho, o castão não coube. Na penúltima estrofe, é explicado que, chegando lá, Dom Fernam foi enganado pelo mestre com quem negociou, ficando com um olho de boi (pedra menos preciosa) acreditando ser um olho de safira.

A respeito das possibilidades de leitura dessa cantiga, Sodré (2009), além das leituras apresentadas nas edições de Lopes e Lapa, informa, também, a existência de outros estudos que ratificam as alegadas considerações à homossexualidade na cantiga, como Blasco (1984),

Pereiro (1996) e Diogo (1998) e Freixado (1993); este último produz uma paráfrase que busca deslindar alguns pontos ambíguos, como uso de castão e os termos olho de cabra / olho de boi.

A partir da sua leitura, Freixado (1993, p. 69) associa os termos: *maestre [...] de castoar* à homossexual passivo no qual Fernam Diaz *lh'o olho soubess'encastoar* (ou introduzir o pênis; olho associado à membro sexual masculino), quando achou um mestre que sabia realizar o *lavor de castom* (trabalho de castão ou sexo como passivo), envolveu-se num novo problema: esse *maestre* (homossexual) após ter medido o pênis (*lh'o olho amesurou*) de Dom Fernam, considerou que, por ter o ânus pequeno, não poderia fazer sexo com Dom Fernam (*tam estreito lhi fez end'ocastom /que lhi nom pô'di o olho caber*; castão pequeno por orifício analestreito), ao final da história, Dom Fernam que teria tentado colocar um *olho de boi* (pênis menor) no *castom* (ânus), termina como *olho de cabra* (pênis maior) introduzido no *castom* (ânus).

Considerando essas leituras, pode-se afirmar que a cantiga em questão aborda a conceptualização da relação sexual e dos órgãos físicos envolvidos nela. A partir da metáfora SEXO É EXPERIÊNCIA, o conceptualizador trovador diz que Fernam *foi provar o pecador* (experimentar o infeliz/desgraçado), notamos então uma conceptualização negativa da relação sexual entre homens, a partir do uso do adjetivo *pecador*. O termo pecador ou pecado nos remete à Igreja que, por sua vez, impregnava o modo de vida na Idade Média.

Outra metáfora presente na cantiga diz respeito à conceptualização das partes do corpo humano. Considerando a leitura feita por Freixado (1993) e as possibilidades de interpretações relacionadas a outras cantigas de escárnio e mal-dizer sobre Fernan Diaz, observamos que o órgão sexual masculino foi conceptualizado a partir da metáfora MEMBRO SEXUAL É OBJETO, nesse caso, o pênis seria o olho ou a pedra que se colocaria sobre o castão ou parte superior de uma bengala, por sua vez, o ânus.

São metáforas que partem da experiência humana com a ação de encastoar. O processo se ocorre da seguinte maneira: finca-se, na extremidade da bengala, a pedra preciosa de livre escolha, com objetivo, em geral, de ornamentar o castão; a ação de unir a pedra preciosa ao castão da bengala é reinterpretada como ação sexual anal. A partir da metonímia PARTE PELO TODO, assumimos que o castão e o olho são compreendidos, ambos, os órgãos sexuais em atividade, ou seja, temos a metonímia ÓRGÃO SEXUAL PELO SEXO.

Na busca por alguém que soubesse manusear o castão e colocar nele o olho, Fernam parte à Ultramar. Observa-se, então, o esquema imagético da ORIGEM-PERCURSO-META, originado a partir da atividade humana de deslocamento físico. Sobre esse deslocamento,

argumenta Sodré (2009, p. 205-206) que

Ao colocar Fernan Díaz em expedição ao Ultramar, e em contato com o exímio mestre de lapidário mouro, Burgalês lançaria mão de um pressuposto: apenas no Ultramar, terra predominantemente de muçulmanos, é que o adeantado de Afonso X conseguiria um parceiro ideal para sua inclinação sodomita. [...] Nos versos de Burgalês, o que se percebe, para além do brilhante e inesperado jogo de metáforas de lapidário, é uma visão do Ultramar como território propício aos homens que jazem uns com os outros, praxe supostamente aquiescida por Maomé – rezaria a lenda –, o que corroboraria o preconceito cristão sobre a tendência cultural dos mouros a tal exercício erótico.

Fica exposto então que há uma conceptualização do território europeu cristão em oposição à conceptualização do território mulçumano ou a Ultramar. Nas terras do território europeu, Fernam, *este que and'aqui*, nunca encontrou *castoador/ que lh'o olho soubess'encastoar*, por se tratarem de terras na qual a prática sexual entre homens não era bem vista (conceptualizada como sodomia ou pecado contra natura), para alcançar o objetivo de satisfazer sua alegada homossexualidade, foi necessário um deslocamento, por parte de Fernam Diaz, para Ultramar, onde essa prática seria passível de aceitação, pois *mui bõ maestr'achou i, / qual no mund'outro nom pod'en saber*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O questionamento inicial que norteou o estudo cujos resultados foram aqui apresentados era: de que maneira é conceptualizada a sodomia em textos medievais da lírica galego-portuguesa? Como pode ocorrer em trabalhos de conclusão de curso, o problema de pesquisa inicial era maior do que se poderia pensar. Por isso, adotou-se outra perspectiva: restringimos o *corpus* e adotamos uma perspectiva teórica capaz de dar conta de parte da conceptualização, em cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas. Após leituras acerca do conceito de Sodomia, Homossexualidade e História (Souza, 2009; Foucault, 1997, 1998; Richards, 1993) assumimos a possibilidade de não mais falar em sodomia, evitando essa metonímia e procurando situar nosso estudo nas relações entre homens. As leituras em LC e em SC (Lakoff, 1987; Lakoff e Johnson, 1980; Feltes, 2007, entre outros) proporcionaram informações teóricas sobre os modelos cognitivos idealizados, bem como a importância das representações cognitivas e estereotipadas de base cultural, além da formação por metáforas, metonímias e esquemas imagéticos que estruturam e são estruturados nos domínios cognitivos idealizados.

Entre os objetivos predeterminados, estavam: i) examinar a conceptualização; ii) analisar a projeção entre domínios alvo e fonte das metáforas; iii) estabelecer diálogos entre a Linguística Cognitiva, Linguística Histórica e a História. Desses listados é possível concluir que todos foram completamente ou parcialmente alcançados, visto que, na reformulação do projeto, foram incluídas, para a análise, as conceptualizações metonímicas, esquemo-imagéticas e análise dos modelos cognitivos idealizados, logo, postergou-se o nosso desejo de esquadrihar o funcionamento interno apenas da projeção metafórica a partir dos domínios fonte e alvo. Por outro lado, com esse estudo, foi possível incluir os textos medievais ibéricos no *hall* das análises pautadas a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva, conforme realizado, também, por Almeida (2017) em texto prelo.

Dessa maneira, encontram-se arrolados abaixo os resultados desse estudo no que diz respeito às metáforas, metonímias e esquemas imagéticos extraídos do *corpus* utilizado.

Quadro 2: Metáforas, metonímias e esquemas imagéticos resultantes das análises.

A homossexualidade como causadora de enfermidades	
METÁFORA ESTRUTURAL	FAZER SEXO É ESTRAGAR-SE
METÁFORA ESTRUTURAL	FAZER SEXO É PERDER

METÁFORA ESTRUTURAL	FAZER SEXO COM HOMENS É DANAR-SE
METÁFORA ESTRUTURAL	SEXO É CAUSA DE DOENÇAS
METÁFORA ESTRUTURAL	FAZER SEXO É ADOECER
METÁFORA ESTRUTURAL	HOMOSSEXUALIDADE É DOENÇA
METÁFORA ESTRUTURAL	SEXO É CURA

A homossexualidade e o seu lugar no modelo cognitivo idealizado do casamento	
METÁFORA ESTRUTURAL	SEXO É ATIVIDADE
METÁFORA ORIENTACIONAL	HETEROSSEXUALIDADE É PARA CIMA / POSITIVO
METÁFORA ORIENTACIONAL	HOMOSSEXUALIDADE É PARA BAIXO / MENOS
METÁFORA ESTRUTURAL	SEXO É EXPERIÊNCIA

O corpo no ato homossexual	
METÁFORA ESTRUTURAL	CORPO HUMANO É RECIPIENTE
METÁFORA ESTRUTURAL	SER HUMANO É ANIMAL
METÁFORA ESTRUTURAL	ÂNUS É RECIPIENTE
METÁFORA ESTRUTURAL	PÊNIS É OBJETO PERFURANTE
METÁFORA ESTRUTURAL	MEMBRO SEXUAL É OBJETO

Esquemas Imagéticos
DENTRO-FORA
ORIGEM-PERCURSO-META
BLOQUEIO
CICLO OU EXISTÊNCIA

Metonímias
PARTE PELO TODO
AÇÃO POR INDIVÍDUO
ÓRGÃO SEXUAL PELO SEXO

Fonte: autoria própria.

A diferença numérica entre a contagem de metáforas (16), esquemas imagéticos (4) e metonímias (3) chamou a nossa atenção, para o fato de que, possivelmente, o corpus encontrado proporcionou um quantitativo maior de metáforas, em relação aos outros dois. Outra hipótese é que o gênero textual tenha influência na conceptualização, ou, em caso extremo, que a metáfora estaria na base da conceptualização frente aos outros dois modos de

construir significados. De qualquer modo, para uma resposta segura a essa questão será preciso, a partir de mais dados, confrontar os resultados já observados até aqui.

De todo modo, a realização da presente pesquisa cujos resultados foram apresentados tem a sua importância por tentar discutir, a partir de uma proposta linguística mais integradora, os significados formulados sobre a relação entre homens na IM. Percebe-se que não se pode atrelar somente à Igreja os significados negativos referentes à homossexualidade. Os sujeitos que viviam naquele tempo produziam e reproduziam discursos que energicamente colocavam à margem as relações entre homens, visto que as urgências, necessidades, temores e questionamentos desses sujeitos eram outros diferentes de tempos anteriores e posteriores. Por exemplo, analisando a questão das epidemias e aumento da mortalidade na baixa IM, entende-se o porquê que é conferido à procriação um sentido primordial, considerado dentro de um coletivo social. Em consequência desse fato, aliado à dominação da Igreja sob os fatos intelectuais, sociais e políticos da época, o casamento heterossexual ganha relevância, pois é a partir de sua realização que serão gerados filhos, juntamente com a bênção do padre. Via-se, então, uma estrutura social em estabelecimento que não poderia ser abalada por “comportamentos desviantes”. Assim, as relações entre homens e demais relações que não tivessem o objetivo de gerar filhos são associadas a doenças, visto que as epidemias, pestes e doenças assolavam o imaginário dos homens da época. Todavia, salienta-se que essa é uma possibilidade de leitura frente aos dados que encontramos, aliada à nossa perspectiva enquanto pesquisadores contemporâneos. Temos acesso ao que nos foi legado, porém reconhecemos que o que nos foi deixado como herança foi percebido por meio de mais uma interpretação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. O ser humano é um animal? E o que mais? Metáforas da Idade Média. In: *XVII Congresso Internacional da ALFAL*, 2014, João Pessoa. Anais do XVII Congresso Internacional da ALFAL, 2014.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Conceptualizações da ação sexual na Idade Médica: revelações das cantigas de escárnio e maldizer. In: LOPES, Mailson dos S. *I Encontro Brasileiro de Estudos Galegos*. Salvador: EDUFBA. (No prelo).
- AQUINO, Rubim Santos Leão de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar G. Pahl Campos. *História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. 19. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.
- ARTE de trovar do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa. Edição crítica e introdução de Giuseppe Tavani, seguida de fac-símile. Lisboa: Colibri, 1999.
- BASCHET, Jérôme. A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América. Trad. Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.
- BASÍLIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. In: *Linguística*, Rio de Janeiro, v.6, p.11-26, 2010. Disponível em: www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/wp-content/uploads/2011/12/Abordagem-gerativa-e-abordagem-cognitiva.pdf. Acesso em: 04 de Outubro de 2016.
- BYBEE, Joan. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BLUTEAU, Raphael. (1712-1713). *Vocabulário português e latino, aulico, anatomico, architetonico...* Coimbra: Colégio Real das Artes, 8v.
- CABANES JIMÉNEZ, Pilar. Enfermedades de índole sexual en las cántigas de escarnio y maldezir. *Lemir: Revista de Literatura Española Medieval y del Renacimiento*, n. 10, València, 2006. Disponível em: <http://parnaseo.uv.es/Lemir/Revista/Revista10/Cabanes/Cabanes.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2017.
- CHIAVEGATTO, Valéria. Coelho. Introdução à linguística cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 77-96, jan./jun. 2009.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive linguistics*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2004.
- CUENCA, Maria; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.
- DUBY, Georges, *História da vida privada*, vol.2. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento: 1990.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Blending as a central processo of grammar. In: GOLDBERG, Adele. *Conceptual structure, discourse and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 113-129.

FELTES, Heloísa. *Semântica Cognitiva- ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, Lilian Vieira. *A Lingüística Cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas*. In: *Veredas*. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 5, n. 2, 2009, p. 23-29.

FERRARI, Lilian Vieira. *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: contexto, 2011.

FILLMORE, Charles J. On fluency. In: FILLMORE, C. et al. *Individual differences in language ability and language behavior*. New York: Academic Press, p. 85-101, 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Therezada Costa Albuquerque. 11 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade média: nascimento do ocidente*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *O Feudalismo*. 15 ed. São Paulo: 1997.

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GIBBS, Raymond W. What's cognitive about cognitive linguistics? In: CASAD, E. H. (Org.). *Cognitive Linguistics in the Redwoods*, 1996, p. 27-53.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Elsa, RAMOS, Ana Maria. *A lírica galego-portuguesa: textos escolhidos*. 2.ed. Lisboa: Comunicação, 1985.

LOPES, Graça Videira. Algumas notas sobre a base de dados Cantigas Medievais Galego-Portuguesas, *Medievalista* [Online], 12, 2012, Disponível em: <<http://medievalista.revues.org/736>>. Acesso em: 27 de março de 2017.

GRMEK, Mirko Drazen., *Les maladies à l'aube de la civilisation occidentale*, Paris, Payot, 1983, p. 223

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*, Chicago, The University of Chicago Press. 1987.

- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. 2002. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da trad. Maria Sophia Zanotto. Campinas, Mercado das Letras, São Paulo, EDUC. Título original *Metaphors we live by*, 1980.
- LANGACKER, Ronald. 1982. Space grammar, analyzability, and the English passive. *Language*, 58, v.1, p. 22-80.
- LANGACKER, Ronald. *Concept, Image and Symbol*. Berlim: Mouton de Gruyter. 2002.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e mal dizer dos cancioneiros medievaisgalego-portugueses*. 2 ed. Coimbra: Galaxia, 1970.
- LE GOFF, Jacques. *A Nova História*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LE GOFF, Jacques. A recusa do prazer. In: *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Edição Especial da Revista L'Histoire/Seuil. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 150-162.
- LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- LEITÃO DE ALMEIDA, Maria Lúcia; PINHEIRO, Diogo; SOUZA, Janderson Lemos de; NASCIMENTO, M. J. R.; BERNARDO, S. Breve introdução à Linguística Cognitiva. In: LEITÃO DE ALMEIDA, M. L.; FERREIRA, R. G.; PINHEIRO, D. O. R.; SOUZA, J. L.; GONÇALVES, C. A. V. (Org.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. 1aed. Rio de Janeiro: Publit, 2010, v. 1, p. 15-50.
- LOPES, Graça Videira. *A sátira nos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 1994.
- LOPES, Graça Videira. (Ed.) *Cantigas de escárnio e maldizer: dos trovadores e jograisgalego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 2002.
- LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011\$. Disponível em: <<http://cantigas.fcs.unl.pt>>. Acesso em: 31 de março de 2017.
- LOPES, Mailson dos S. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos. *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 229-260.
- MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M.E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo, contexto: 2008. p. 177-192.
- MARTINS, Ana Maria. O primeiro século do português escrito. *Na Nosa Lyngoage Galega*. A Emerxencia do Galego como Lingua Escrita na Idade Media, ed. Ana Boullón Agrelo.

Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega & Instituto da Lingua Galega. 161-184, 2007.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. "Diversidade e unidade: a aventura lingüística do português". In: *Revista I CALP*, volume 11 – março – 1988, p. 60-72; *Revista ICALP* 1/13, junho-setembro de 1988.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico - Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Alguma reflexão sobre a questão da unidade original galego portuguesa. In: *Simpósio sobre emigração e língua galega*, 1996, Salvador. Atas... Salvador: CELGA/UFBA, 1998, p. 97-107.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOSO, José. A sexualidade na idade média portuguesa. In: ANDRADE, Amélia Aguiar; SILVA, José Custódio Vieira. *Estudos medievais: quotidiano medieval – imaginário, representação e práticas sociais*. Lisboa: Livros do Horizonte, 2004.

MATTOSO, José. *A identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva Publicações, 1998.

MEDEIROS, Itatismara Valverde. *O Campo lexical da sexualidade dos religiosos em cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

OLIVEIRA, António Resende de. *Depois do espetáculo trovadoresco: a estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa, Colibri, 1994.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

ROSCH, Eleanor. Natural categories. *Cognitive Psychology*, v. 4, p. 328-350, 1973.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, 1999, p. 61-79.

SALOMÃO, Maria. Margarida. Martins. Tudo certo como dois e dois são cinco. Todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1997.

SCHIPANSKI, Carlos Eduardo. *História medieval: releitura de uma época* / Carlos Eduardo Schipanski, Luizangela Padilha Pontarolo. – – Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2009.

SCHMITT, Jean-Claude. Verbete: Clérigos e Leigos. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 237-250.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva – uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista portuguesa de humanidades*, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

SILVA, Wesley Francisco de Souza. *Elementos de erotismo e sexualidade nas cantigas de escárnio e de maldizer galego-portuguesas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Letras e Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Augusto Soares da. *A linguística cognitiva uma breve introdução a um novo paradigma em linguística*. Disponível em: <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>. Acesso em: 16 de Dezembro de 2016.

SILVA, Augusto Soares da. Significado, conceptualização e experiência: sobre a natureza do significado linguístico. In: *Revista Portuguesa de Humanidades 10*, Faculdade de Filosofia da UCP. 2006.

SIMÕES NETO, Natival Almeida. Quem é a mulher da relação?: uma abordagem cognitivista sobre o gay passivo. *Revista Alpha*, v. 16, p. 108-123, 2015.

SIMÕES NETO, Natival Almeida. *Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 2 v. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SODRÉ, Paulo Roberto. Fernam Díaz em terras de Ultramar: sobre a cantiga “Fernam [D]iaz, este que and’ aqui” de Pero Garcia Buralês. *Diadorim*, Rio de Janeiro, n. 5, 2009.

SOLEDADE, Juliana; SIMOES NETO, Natival Almeida. Um enfoque da Morfologia Construcional sobre as construções X-ário no português arcaico. *Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural*, v. 5, p. 143-171, 2015.

SOUZA, Arivaldo Sacramento de. *A representação das relações entre homens nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas*. 2008. Dissertação. (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. Ed. Edusp, São Paulo, 1996.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics; metaphorical and cultural aspects of semantic structures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TOMASELLO, Michael. *First verbs: a case study of early grammatical development*. New York: Cambridge University Press, 1992.

TORRENT, Tiago Timponi. *A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais*. 2009. 166 f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TREVISAN, Armindo. *Uma viagem através da Idade Média: o que a Europa deve à Idade Média*. 1ª Ed. Porto Alegre: AGE, 2014.

VERCILLO, Jorge. *Avesso. Leve*. EMI Brazil, 2000.